

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC/SP

Ed Wilson Pereira Dias

A PRODUÇÃO DE TERRITORIALIDADES

DA INTERNET

MESTRADO EM GEOGRAFIA

São Paulo

2012

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC/SP

Ed Wilson Pereira Dias

A PRODUÇÃO DE TERRITORIALIDADES

DA INTERNET

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção do título de **MESTRE EM GEOGRAFIA**, sob a orientação do **Prof. Dr. Mauro Luiz Peron**.

São Paulo

2012

ERRATA

PÁGINA 42

Abaixo segue o mapa que está sendo citado na página 42.

WORLD MAP OF SOCIAL NETWORKS

December 2010



credits: Vincenzo Cosenza www.vincos.it

license: CC-BY-NC

source: Google Trends for Websites /Alexa

Banca Examinadora

Autorizo exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação por processos de fotocopiadoras ou eletrônicos.

Assinatura: _____ Local e Data: _____

Dedico este trabalho a toda a minha família, inclusive a da fé, pelo incentivo e palavras de otimismo, especialmente por minha mãe e meu pai que na sua humildade me ensinaram a nunca parar na minha caminhada, e nunca procurar um fim nas coisas, e sim sempre um recomeço.

Agradecimentos

Em primeiro lugar agradeço à minha família, por ter sempre me auxiliado em todos os momentos dessa pesquisa. Agradeço à minha mãe e ao meu pai, que de onde estiverem estão comemorando junto a mim mais esse passo dado na minha vida.

Agradeço também à minha mulher e aos meus filhos que por minha falta de tempo entre o os créditos do mestrado, alguns congressos e aulas me apoiaram em todos os momentos dessa jornada.

Agradeço ao meu orientador e amigo, Mauro, pela oportunidade de poder discutir sobre as minhas inquietações acerca do tema de pesquisa, também agradecer o convívio que não se restringiu na frieza da relação orientador-aluno, mas sim de amigos.

Resumo

Esta pesquisa em Geografia está centrada sobre uma reflexão acerca da produção territorial pela internet. Trata-se de investigar as relações sociais no mundo virtual, suas relações de poder que se inscrevem nos territórios, bem como seus desdobramentos econômicos e sociais.

Analizamos como esses movimentos são constituídos nas mais variadas dimensões territoriais desde a Revolução Industrial. Esse trabalho busca compreender tais movimentos, assim como sua influência na volatilidade das relações que lhes são pertinentes, bem como quais estruturas dão condições a esses movimentos.

Palavras-chave: Território, Redes de Computadores, Relação de Poder, Sociedade da Informação.

Abstract

The aim of this research is how Internet is the developing territorialities. We investigate the social relations in the virtual world as well as the inherent power relations and their territorial inscriptions, and their economic and social consequences.

We analyze how those movements are constructed in different territorial dimensions since the Industrial Revolution. This research focuses, thus, in the comprehension of those movements and its influences which produce volatile relations, studying which structures produce those movements.

Key words: Territories, Internet, Power Relations, Information Society.

Lista de Mapas

MAPA 1 – Mapa mundi redes digitais	13
MAPA 2 - Distribuição da internet pelo mundo	15
MAPA 3 – Número de usuários de internet e a porcentagem da troca de informações no mundo	20
MAPA 4 – Influência das redes sociais pelo mundo	25
MAPA 5 – Pessoas online na internet em 2008	47

Lista de Imagens

IMAGEM 1 – Smartphones	05
------------------------	----

Lista de Tabelas

TABELA 1 – Posição dos países por números de Hosts_____ 18

TABELA 2 - Coeficiente de variação das estimativas de distribuição das pessoas de 10 de idade que não utilizaram a Internet, no período de referência dos últimos três meses anos ou mais_____ 22

TABELA 3 - Crescimento da população de usuários da Internet no Brasil_____ 38

Sumário

Introdução	01
Capítulo 1 – A Territorialidade da Internet – a Questão do Material e do Virtual	03
1.1 – A Virtualidade da internet e o problema de sua materialidade	03
1.2 – A territorialidade das redes e a ordem do poder	09
1.3 – Relendo a história da territorialidade da internet	28
Capítulo 2 – Comunicação e Poder na territorialidade da internet.	32
2.1 – A tecnologia na comunicação e sua territorialidade	33
2.2 – As prática territoriais e sua comunicação na internet	41
2.3 – O controle territorial das informações na internet	45
Capítulo 3 – A internet e o Problema da “Compressão Espaço-Tempo”	49
3.1 – A territorialidade redimensionada e a internet	52
3.2 – O alcance das “Cidades Globais” e o “Espaço-Tempo” resolvido pela internet	59
3.3 – A compressão e a dilatação do “Espaço-Tempo”	66

Considerações finais _____ 69

Bibliografia _____ 72

Sites de Pesquisa _____ 77

Introdução

A presente pesquisa visa discutir as territorialidades da internet, essa virtualidade, essa concretude de relações inscritas enquanto territórios.

Como toda a categoria na Geografia, os diversos conceitos de territórios ora se completam ora se chocam em uma batalha cheia de armadilhas epistemológicas. Por isso, esta pesquisa aciona um conceito onde o território constitui as relações da sociedade, delimitadas por relações de poder. Essas delimitações caracterizam os territórios através das produções e reproduções da vida, produzindo um emaranhado de territorialidades nessa virtualidade, que constitui outra concretude que tem uma dimensão de tensionamentos com outras concretudes. Por isso, neste trabalho as territorialidades são os resultados das relações da sociedade, sua produção e reprodução de vida, produzindo uma multiplicidade de características específicas, resultado dessas relações, diferenciando-se na velocidade e na forma em que se materializam tais transformações.

No primeiro capítulo elaboramos uma discussão sobre materialidade e virtualidade. Discutimos também a questão das redes que dão condições à circulação dos novos fluxos desse momento, e como estas constituem novas ferramentas de poder. As atuais redes são responsáveis pela integração de mercados em várias escalas, a partir do comando de determinadas centralidades, num processo de integração exigido por essas relações de poder.

Assim, discutimos que a virtualidade da internet permite, hoje, um salto na forma de interação. Essa forma de produção da existência da vida imprime uma nova dimensão territorial e possibilita o aparecimento de múltiplas territorialidades. E que o processo é de constante reterritorialização, por estarmos em constantes mudanças entre os territórios. Convivemos com múltiplas territorialidades porque interagimos, produzimos nossa existência.

No segundo capítulo abordamos a discussão mais detida sobre a relação de poder e da comunicação, nessa nova fase. Aqui discutimos o acesso às informações e às

novas tecnologias, não democratizadas e não disponibilizadas a todos. Aqueles que dominam as redes tendem a dominar a informação, bem como a forma pela qual essa informação é propagada para a sociedade.

Assim, com o desenvolvimento da Internet produziu-se, entre seus usuários, uma linguagem própria, aquilo que identifica que o indivíduo, nessa territorialidade, ou seja, o usuário, de uma maneira ou de outra, busca compreender o conjunto da rede e os termos que determina seu conteúdo e funcionamento. Trata-se de um processo que carrega um discurso de produção de uma linguagem que tende a ser universal.

No terceiro capítulo discutimos a questão da “compressão tempo-espaço”, reforçando a ideia que a experiência no espaço-tempo é responsável pelo modo como percebemos no território as velocidades das transformações. Trabalhamos aqui o conceito de território como lugar de tais experiências. A concretude do território constitui a concretude dessas experiências.

O espaço-tempo, assim, está concretizado nas relações de poder, nos tensionamentos, na reprodução da vida. A velocidade desses é diferente e desigual. O espaço-tempo é produzido e consumido da mesma forma. Desse modo, sendo inscritas territorialmente, essas experiências configuram a percepção e a produção das relações sobre os lugares. Assim, a internet busca a sincronia e a homogeneização dos momentos socialmente construídos (experiência de tempo) e das relações sociais nos lugares (experiência de espaço), homogeneização que é hoje impossível. Assim, pensar a compressão ou dilatação do espaço-tempo é reconhecer o próprio território num processo de constante transformação.

Capítulo 1 – A Territorialidade da Internet – a Questão do Material e do Virtual

1.1 - A Virtualidade da internet e o problema de sua materialidade

A virtualidade da internet permite hoje, para a sociedade, um salto na forma de se interagir e se comunicar. Essa forma de produção da existência da vida imprime uma nova dimensão territorial e possibilita o aparecimento de múltiplas territorialidades. Nas discussões presentes na obra “A ideologia Alemã”, Marx e Engels discutem que “não tem história, não tem desenvolvimento, são os homens que desenvolvendo a sua produção material e as suas relações materiais mudam sua realidade, mudam também o seu pensamento e os produtos do seu pensamento” (MARX e ENGELS, 2010:26). Assim, o mundo só se concretiza através das construções, das desconstruções que as relações sociais imprimem nos territórios. Logo, as territorialidades produzidas são as territorialidades da vida, das relações entre os homens e dos homens com a natureza. Na medida em que o homem produz e reproduz sua existência, ele também cria novas dimensões e concepções de si e das territorialidades que produz.

Essa concretude da virtualidade é a própria forma pela qual a sociedade “pós-massiva” (LEMOS, 2009:39) se organiza, produz e redefine seus territórios. A internet permite a recombinação dos territórios num processo reterritorializante. Assim, entendemos que os territórios são as relações da sociedade delimitada por diversas relações de poder. Essas delimitações caracterizam os territórios através das produções e reproduções da vida. São relações que ocorrem enquanto virtualidades, e que tem uma dimensão com outras concretudes.

Descartamos que há momentos de desterritorialização, compreendida como a negação do próprio território. Se não paramos de produzir nossa existência e de sofrermos e exercermos relações de poder, esse momento não tem como existir. No exemplo abaixo, Lemos tenta justificar tal processo:

Barnet chega em Marrakech e, na praça central da cidade, perde seu rumo. Desterritorializada, em um país estrangeiro, ela aciona o seu celular que, rapidamente, afixa na tela um mapa apontando a sua localização: *“my location zone is the record in a log”*. Na condição de estrangeira, e em movimento, a australiana passa a controlar o espaço físico pelo acesso ao espaço eletrônico. Perdida na cidade, ela passa a reterritorializá-la, controlando seus movimentos no espaço. Para Barnet, *“I have become data traveling through data landscapes. I have become a roaming subscription number” (...)* *“the places I visit become ‘smart’ by virtue of my presence. I bring information with me to this place, and this information mediates my experiences: the territory surrounding me serves as surfaces of projection for data”* (Barnet, 2005). O celular é aqui instrumento de reterritorialização. (LEMOS, 2009:38)

Esse é um processo desterritorializante. Isso é ao mesmo tempo um processo de reterritorialização: à medida que ela age no novo território ela também sofre influencia do mesmo.

Para IANNI (1999), o processo de desterritorialização é uma característica da própria globalização: ele aponta que o processo de desenraizamento “das coisas, das gentes e das ideias”, explicaria tal tendência. Mas se pensarmos, nós nos desenraizamos de algo e nos fixamos em outra coisa. Não há como dizermos que ao acessarmos um *site* estamos nos desenraizando da concretude.

O processo é de constante reterritorialização, nós estamos em constantes mudanças entre os territórios. Covivemos com múltiplas territorialidades porque interagimos, produzimos nossa existência.

A internet é mais uma dessas dimensões territoriais e essa nos permite reterritorializações. Nos dias atuais é impossível atuarmos fora de algum território informacional, jurídico, político, militar, cultural. A produção de novos aparelhos conectivos como aparelhos celulares, GPS, laptops, palmtops, associada à ubiquidade, e aos protocolos computacionais, constitui hoje uma nova forma de produzirmos territorialidades, exigindo de todos um esforço, e forçando a convivência dessas novas inovações. A ideia da computação ubíqua de Mark Wieser (1999) aponta para o fim da

utilização do lugar para as conexões e aponta para a utilização dos lugares. Segundo Lemos:

Dessa forma, os lugares passam a dialogar com dispositivos informacionais, enviando, coletando e processando dados a partir de uma relação entre informação digital, localização e artefatos digitais móveis. Várias empresas, mas também artistas e ativistas, têm utilizado a potência das mídias locativas como forma de *marketing*, publicidade e controle de produto, mas também como escrita e releitura do espaço urbano, como forma de apropriação e resignificação das cidades³. As funções infocomunicacionais são diversas, como veremos a seguir: realidade aumentada móvel, *tracing/mapping*, *geotags* e anotações. (LEMOS, 2009:35)

A ubiquidade se realiza pelos vários pontos de conexões que diversos lugares possibilitam. Assim, é possível conectar-se em um ônibus a caminho do trabalho ou até mesmo marcar exames pelo celular utilizando o acesso WI-FI de uma sorveteria, possibilidade esta presente em *smartphones* como na IMAGEM 1.

IMAGEM 1 – SMARTPHONE.



As novas gerações de celulares tem como tecnologia imprescindível a opção da conexão à internet de qualquer lugar.

Fonte: <http://timedicina.blogspot.com.br>

A disponibilidade da conexão, principalmente nas Cidades Globais, possibilita a conexão para um número muito elevado de seus habitantes.

A visão acadêmica de Wieser conceitua a computação ubíqua como um processo em que a tecnologia fica cada vez mais embutida/embarcada e invisível numa diversidade de objetos de nosso dia-a-dia. Para ele, o computador pessoal como objeto de conexão e informação universal deverá desaparecer, e se ampliará a capacidade de processamento informacional nos objetos que nos rodeiam. A tecnologia deixa de ser intrusiva e passa a oferecer um estado de “calma” e solução rotineira. (CORREA, 2009:48)

A tecnologia que ao mesmo tempo nos proporciona este estado de “calma” e solução rotineira como aponta a autora, tem seu prazo de validade à medida que novos problemas são criados demandando novas soluções. Lemos vai chamar a atenção para a produção de aparelhos com multifunções, produzidos para atender a necessidade criada de mobilidade.

Os telefones celulares têm sido utilizados com vários propósitos. Estudos já citados mostram que a ênfase se dá na possibilidade de controle e coordenação sobre as ações no cotidiano; como instrumento imprescindível ao mundo do trabalho; como instrumento de mobilidade e rapidez na troca de informações; como forma de manter um círculo de amigos em “contato perpétuo” (Katz, Aakhus, 2002); e como forma de aumentar a segurança e o contato com familiares. (LEMOS, 2005:6)

A concretude dessas relações “é o conjunto de processo e tecnologias caracterizadas pela emissão de informação digital a partir de lugares/objetos”. (LEMOS, 2009:39). E essas hoje demandam por mobilidade, por novas áreas de conexão. Para Lemos, as mesmas reforçam a hibridação do espaço físico com o ciberespaço¹. “Objetos e

¹ Reforçamos aqui que o ciberespaço carrega outra dimensão de concretude.

espaços cotidianos tornam-se máquinas comunicacionais, trocando informação e identificando objetos/pessoas e movimentos” (LEMOS in SANTAELLA E ARANTES, 2011:216). Assim, Lemos aponta que:

No começo de século XXI as mídias locativas reforçam a hibridação do espaço físico com o ciberespaço, trazendo novas implicações para o espaço urbano. O fluxo comunicacional se dá por redes sem fio e dispositivos móveis, caracterizando a era da comunicação ubíqua, senciante e pervasiva (Lemos, 2006) das mídias locativas. Novas práticas sócio-comunicacionais emergem já que as referências da cidade não se vinculam apenas às marcas territoriais físicas, mas a eventos informacionais dinâmicos, embarcados nos objetos e localidades. . (LEMOS in SANTAELLA E ARANTES, 2011:218)

A mobilidade muda nossa relação com o território, como já discutimos, e com o lugar e a própria localização. Se historicamente “o lugar era o que definia o homem ao local onde se processa a vida” (CARLOS, 2007:21) com a ampliação das relações sociais através do mundo virtual, esse processamento da vida se dá de forma mais intensa nas redes sociais da Internet. Esse movimento, essa mudança de relação, está atrelado a vários fatores: imposição do modo de produção, a absorção das novas técnicas pela sociedade e a criação de uma sociedade de consumo voraz. O lugar é condição para a virtualidade e também movimento da virtualidade, seja na forma de consumi-la ou de recriá-la; nisso a criação de uma rede de lugares, articulada mediante interesses e intenções.

Ao pensar a rede pela mundialidade, consideramos os lugares numa dimensão escalar onde é permitido, através dessas relações, mover um grande fluxo de informações, capital, pessoas, mercadorias. O mundo como vemos hoje, globalizado, nada mais é que o resultado do aumento da interação e simultaneidade entre os lugares, o que expressa a busca da redução da desarticulação territorial, num movimento constituído por diversos interesses.

A localização é o resultado da confluência de, por exemplo, dois pontos (latitude e longitude), que permite aferir a posição de qualquer objeto, pessoas, etc. E isso não se altera com a mobilidade propiciada pelas novas tecnologias de conexão. Sempre estou localizado em algum ponto, ponto este que pode ser o deslocamento, o movimento

de um ponto a outro. Sempre estou territorializado. O movimento é a constante reterritorialização.

As diversas formas conectivas permitem esse movimento. Permitem esse processo de constantemente interagir com diversos lugares, diversas territorialidades me deslocando e navegando ao mesmo tempo. Percorro territórios distintos, com trocas constantes e distintas, e produzo informações na mesma velocidade.

As mídias pós-massivas (eletrônico-digitais) permitem a comunicação bidirecional através de um fluxo de informação em rede. Com o desenvolvimento das tecnologias móveis, sem fio, assistimos a uma relação maior entre o ciberespaço e o espaço urbano. As mídias pós-massivas, como as mídias locativas, constituem territórios informacionais, já que o indivíduo controla o fluxo de entrada e saída de informação no espaço aberto. Trata-se de uma relação de emissão e recepção da informação a partir de dispositivos que permitem a mobilidade comunicacional e informacional no espaço urbano. (LEMOS in SANTAELLA E ARANTES, 2011:223)

Pensamos aqui, que a era da conexão e da mobilidade sempre ocorreu em todos os momentos históricos e pré-históricos da humanidade. A própria construção da língua, por exemplo, é o resultado desse movimento. O que nos diferencia atualmente é a forma e a condição pelas quais se dá esse processo. Assim, também as cidades e os centros de encontros de períodos pretéritos, eram espaços de fluxos, espaços flexíveis e comunicacionais, lugares de trocas e, portanto, de construção das identidades territoriais.

Hoje, a qualidade dos fluxos exige que os lugares deem condição ao seu movimento. Os “lugares digitais” são o resultado de uma nova demanda de fluxos e, assim, de uma nova condição e meio de conexões e mobilidade.

1.2 - A territorialidade das redes e a ordem do Poder.

No momento atual que nossa sociedade vive, a internet se tornou em uma verdade incontestável e inquestionável. Ela se impõe ao mundo de forma que, como um tsunami, tenta carregar para si tudo que encontra. Para isso, se adapta e se reestrutura na mesma velocidade das evoluções tecnológicas dos objetos que possibilitam a conectividade. **Sobre** ser a “verdade” a imposição de algo sobre aquilo que se diz “falso” Michael Foucault aponta que essa “verdade” está circularmente ligada a sistemas de poder, que a produzem e apoiam, e a efeitos de poder que ela induz e que a reproduzem. “Regime” da verdade.” (FOUCAULT, 2009:14).

Para Foucault, esse “Regime” é algo complexo e que envolve “a condição de formação e desenvolvimento do capitalismo” (FOUCAULT, 2009:14). Por ser também ideológico, esse regime, ao se alterar, precisa que se altere a forma do sujeito ver o mundo, isto é, aquilo que ele acredita ser verdade. Nega-se uma forma em detrimento do estabelecimento de outra.

O poder alicerçado pelos “símbolos de poder” de Bourdieu se impõe pela força, seja pela intelectual, técnica, jurídica, econômica, militar, etc. A imposição ocorre por um sistema de forças que buscam estancar todas as possibilidades de um movimento contrário ao que se quer como “verdade”. Vemos que esse sistema é formado por quatro grandes forças: o político/jurídico (regulamentação, governança e execução), econômico (produção, circulação e acumulação), militar (manutenção e interferência) e cultural (contra poderes e massificação).

Essas mudanças tecnológicas podem estar a serviço de um totalitarismo, de uma “verdade hegemônica”. Alertando sobre isso, Michael Foucault ressalta:

Não se trata de libertar a verdade de todo sistema de poder – o que seria quimérico na medida em que a própria verdade é poder – mas de desvincular o poder da verdade das formas de hegemonia (sociais, econômicas, culturais) no interior das quais ela funciona no momento.

(...)

Em suma, a questão política não é o erro, a ilusão, a consciência alienada ou a ideologia; é a própria verdade. (FOCAULT, 2009:14)

Hoje temos a internet como uma das verdades contemporâneas. Deixamos para trás a era analógica e vemos a frente uma era digital que ainda se desenrola diariamente com os novos recursos e novas técnicas desenvolvidas. Segundo a ideia de Prado, Caminati e Moraes:

a digitalização é o processo de captura de qualquer tipo de documento, como textos, imagens e áudios, para permitir o gerenciamento e acesso facilitado a essas informações através de recursos da informática. Além disso, essa passagem garante a reprodutibilidade das obras sem perda de qualidade e representa o elemento técnico que possibilita a universalização dos acessos antes extremamente limitados e controlados. (PRADO, CAMINATI, NAVAES IN FILHO, CASTRO, TOME, 2005:28).

Discordamos da ideia da “universalização dos acessos”, principalmente aqueles “limitados e controlados”. Vemos aquilo que podemos e, frequentemente é permitido que vejamos. A abertura gradual de algumas informações ocorre mediante interesses em forçar alterações no território ou, reforçar seu *status quo*. Vemos isso na febre que se tornou o *Google Maps*: nem todos os lugares estão disponíveis para acesso e outros foram “invadidos” pelo *Google Maps*. O que vemos, na realidade, é uma busca por maior controle e uma menor abertura aos acessos. Para Martinez isso é explicado:

Pelas possibilidades atrativas que o Estado viu de intervenção no exercício mesmo da liberdade de opinar e de informar, já não em nome da preservação do governo, do segredo ou da censura, mas sob a aparente justificação de certos “direitos preeminentes” ou hierarquia superior, como certos ordenamentos consideram o direito à honra ou o direito à vida privada, isso, evidentemente, caso se tenha teses conflitualistas de direitos e se pretenda resolvê-las com base em métodos de hierarquização apriorísticos ou na realidade concreta. A segunda é o risco constante, particularmente em certos tipos de meios de comunicação

que pela via de sua concentração se produzam efeitos indesejados, ainda tratando-se de um mercado aberto e competitivo: a prevalência de certos interesses sobre o dever de veracidade, o privilégio da atividade lucrativa sobre a tarefa de serviço ao público e o travamento do pluralismo informativo e valorativo, baseado na falta de representação de certa tendência versus o excesso de representação de outras no mercado dos meios de comunicação. (MARTINEZ, 2008:11)

A rede exerce seu poder ubíquo e essa é usada de muitas formas e para muitos objetivos. As territorialidades se rearranjam. A internet hoje é meio e condição para os novos saltos tecnológicos da comunicabilidade e conectividade que ocorre de forma desigual por todas as partes do mundo. Desigualdade na fixidez, na mobilidade e na conectividade. O que Canclini vai atribuir aos discursos hegemônicos que buscam transferir responsabilidades ao atraso no processo de abrangência econômica, tecnológica aos excluídos do processo.

Assim como no antigo discurso hegemônico, que atribuía aos pobres a responsabilidade pela sua situação (“trabalha pouco”, “não tem iniciativa”), agora se atribui a distinção entre os que se movem e os que ficam às inclinações caseiras, aos costumes ou às “ideias fixas dos sedentários”. No entanto, existem vínculos estruturais e complementares entre uns e outros. Os pequenos ou localizados são os “duplos” indispensáveis para o nomadismo e o enriquecimento dos grandes.

Como o grande tece sua relação à distância? “Entra em contato com uma pessoa (que pode ser o centro de um grupo de pressão) e escolhe ou estabelece neste lugar alguém que mantenha esta relação”. O duplo há de permanecer no lugar que lhe foi atribuído. Sua permanência neste nó da rede é imprescindível para os deslocamentos do grande. Sem sua presença, o grande perderia, à medida que se desloca, tantas relações quantas criasse. Não poderia acumulá-las. O capital se lhe escaparia. (CANCLINI, 2004:94)

Assim, o pequeno e o grande nessa nova dimensão territorial, num processo de interdependência necessária para a acumulação, tem o lugar como palco das tensões e

pressões. Esses grupos buscam, em meio a esses conflitos, uma relação segura, e a técnica é uma ferramenta para tal objetivo.

Historicamente, territorialmente constituídas, diferentes redes tem como função principal interligar o que é descontínuo, o que está distante. Essa busca não descompromissada e nem casual atende aos interesses de um maior intercâmbio político e econômico que objetiva um fortalecimento desta nova estrutura espacial. Nisso, qualquer pessoa torna-se o nó de uma cadeia transterritorial de relações com diferentes níveis de atração e especialização produtiva e financeira. Essa rede de inter-relação acaba por conferir às diferentes territorialidades certa hierarquia, definida e comandada por detentores da tecnologia e da informação, bem como sua difusão, meio pelo qual os territórios se constroem, se reconstroem.

As novas técnicas sempre carregaram em si a ideia de expansão. Expandir o comércio, a produção e a influência em outro local. A busca de uma abrangência maior para seus mercados forçou que essas redes fossem ampliadas em um ritmo acelerado e que fossem cada vez mais se aperfeiçoando para suprir as demandas dos grandes centros.

Os conceitos de redes, de redes territorialmente constituídas pressupõem reconhecer que estamos diante de processos que se completam, interagem e se transformam pela interdependência que os ratificam. As redes territorializadas são o meio pelo qual essas relações são potencializadas, isto é, os mesmos autores que definem seus territórios, também definem o uso, a ampliação e a modernização de suas redes.

Essa forma de territorialidade é o resultado da interação entre os interesses comuns dos indivíduos. Quando esses interesses são alterados, o território se altera. A lógica territorial se materializa pelas relações enquanto práticas de poder, isso de forma conectada num movimento multiescalar.

No *mapa mundi* abaixo, está exposto o território da internet e seus alcances. Entendemos que áreas excluídas desse processo, áreas essas segregadas das conexões por não despertarem interesses ainda do capital hegemônico, recebem influência de alguma forma, seja como ponto de passagem ou como nó de interconexão, próprio da rede.

MAPA 1 – Mapa Mundi das redes digitais



Fonte: www.webdig.com.br

Para Canclini, essa é a materialização da exploração dos grandes sobre os pequenos. O autor afirma que:

A exploração se fortalece num mundo de conexões a partir da imobilidade dos pequenos e graças à duração com que os nômades acumulam mobilidade e multilocalização. Forte é que, antes de mais nada, consegue não ser desconectado e, por isso, acrescenta conexões. Nas relações clássicas de exploração, obtinha-se o poder graças à repartição desigual dos bens estáveis, fixados territorialmente: a propriedade da terra ou dos meios de produção numa fábrica. Agora, o capital que produz a diferença e a desigualdade é a capacidade ou a oportunidade de mover-se, manter redes interconectadas. As hierarquias no trabalho e no prestígio estão associadas não só à posse de bens localizados, mas também ao domínio de recursos para conectar-se. (CANCLINI, 2004:95)

Relacionando o mapa 1 com a citação de Nestor Canclini, temos que o primeiro ressalta os fluxos de informação específicos da internet entre os diferentes continentes. Eles expressam de forma quantitativa as trocas de informações que passam pelos chamados *backbones* (ou espinhas dorsais) que seriam as grandes vias de comunicação que organizam os fluxos de informação pela Internet no mundo. Percebe-se

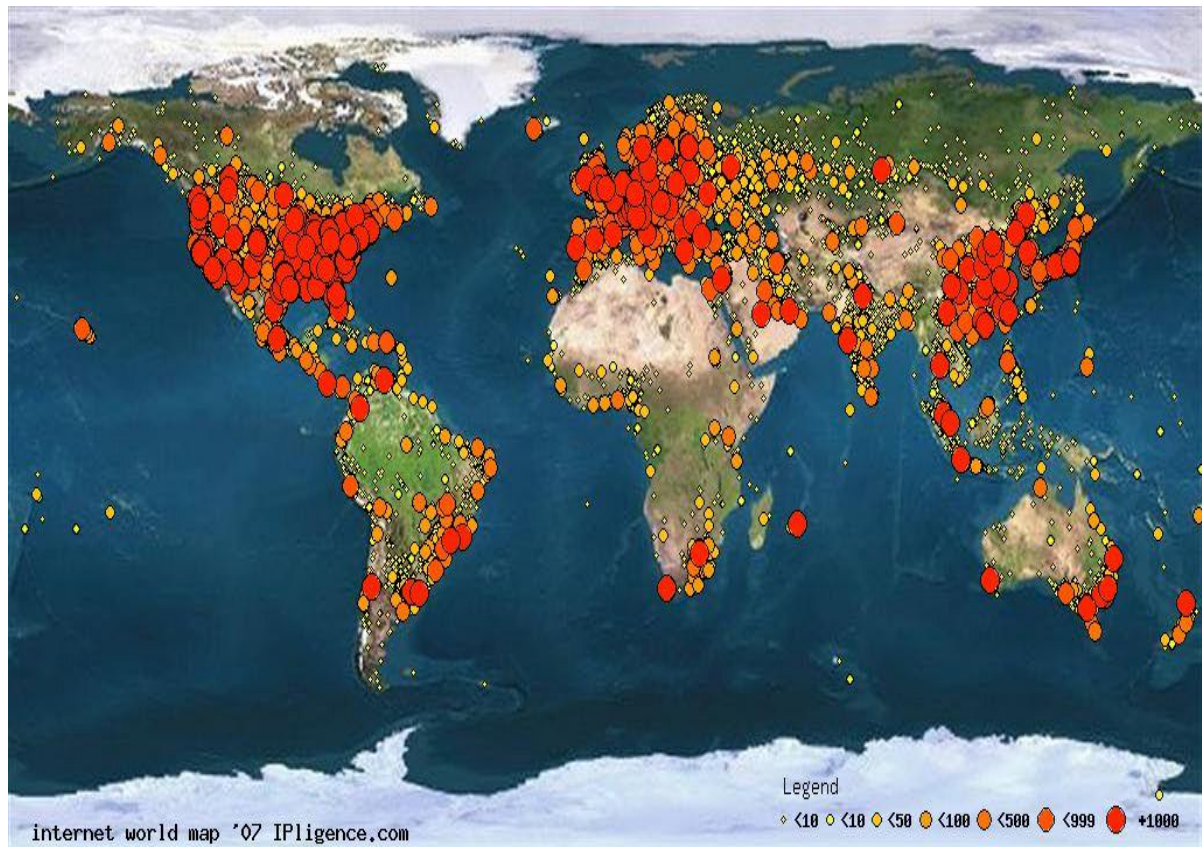
que há uma grande concentração do volume dessas trocas entre, por exemplo, EUA, União Europeia, Japão e China, devido ao grande controle de informação, fluxos financeiros e domínio de tecnologia. Tais informações tendem a passar por esses três pólos.

O conceito de rede, neste sentido, pode ser entendido como um arranjo estrutural que articula e viabiliza diversas escalas espaciais, que representam pontos de onde e para onde emanam necessidades e decisões, comandos e trocas. Para BAUMAN (2009:49) “uma nova hierarquia de poder está marcada, no topo, pela capacidade de se mover com rapidez e sem aviso, e na base, pela incapacidade de diminuir a velocidade desses movimentos, que dirá para-los, associada à sua própria imobilidade. Fuga e evasão, leveza e volatilidade, estas características substituíram a presença pesada e ameaçadora como técnica principal de dominação”.

A rede constitui a territorialização dos fluxos. As mesmas expressam a intenção de aglutinar, fragmentar e desfragmentar o território. O que temos é a territorialidade dos fluxos e a materialização do poder hegemônico dos mercados sobre as redes: nisso DIAS in CORREA (2006:148) aponta para a ideia segundo a qual “nunca lidamos com uma rede máxima, definida pela totalidade de relações mais diretas, mas com a rede resultante da manifestação das coações técnicas, econômicas, políticas e sociais”, apontando que essa relação de poder se dá pelo domínio do meio “técnico-científico-informacional”².

² SANTOS, Milton – Metamorfoses do espaço habitado – 2ª.Ed, Hucitec, São Paulo, SP, 1991.

MAPA 2 – Distribuição da internet pelo mundo.



Fonte: www.ipligence.com acessado em 10/maio/2012

O mapa acima mostra como a internet é distribuída através de todo o mundo. Temos que América do Norte e Europa concentram os dois maiores grupos de ativos de Internet com uma participação total de 22,5% para a Europa e o dobro deste número (55,9%) na América do Norte. Por isso, pode ser dito que ambas as regiões representam 77,4% total da estrutura global da Internet. A imagem acima usa pontos coloridos para representar a distribuição e é expressa em número de endereços IP por ponto.

Isso nos leva para as discussões de CASTELLS (1999:497), que aponta uma para uma “nova morfologia social de nossas sociedades” baseada na lógica das novas redes. Assim, quem dominava as técnicas e as redes anteriormente, também busca fazê-lo atualmente.

Mas devemos ressaltar aqui que redes sempre foram sinônimos de modernidades. Desde as diversas estradas construídas no Império Romano até as redes *WI-FI* atuais, a ideia de apuração tecnológica sempre esteve atrelada às características

comuns às redes. No primeiro caso é fácil definir o controlador da rede, mas no segundo, a impressão é que o domínio é público. O que é um grande engano, pois isso também faz parte da construção da ideia da “democracia” da modernidade. Por isso CASTELLS (2003:135) também vai de encontro a essa ideia quando aponta que “o controle sobre redes de comunicação torna-se a alavanca pela quais interesses e valores são transformados em normas condutoras de comportamento humano”. Ela representa de fato uma nova forma de controle da sociedade; dita o ritmo moderno ou o como ser moderno. Isso é confirmado pelas palavras de Bauman que diz:

No mundo de hoje, a mobilidade se tornou o fator estratificador mais poderoso e cobiçado; é a matéria com a qual se constroem e reconstroem as novas hierarquias políticas, econômicas, culturais e sociais em todo o planeta. A mobilidade adquirida pelos donos e administradores do capital significa uma nova, na verdade sem precedentes em sua radical incondicionalidade, libertação de suas obrigações pelo poder: deveres relacionados aos empregados, mas também aos mais jovens e mais fracos, assim como às condições de vida de todos. Em resumo, liberdade do dever de contribuir para a vida diária e para a perpetuação da comunidade. (BAUMAN, 2009:235)

Por isso sua outra assertiva: “A internet não é um instrumento de liberdade, nem tampouco a arma de dominação unilateral”. CASTELLS (2003:135)

A dinâmica da relação de poder sobre o território expressa tensionamentos de poderes. Amplia-se o poder sobre os territórios devido à expansão de novas redes. É sugestivo o que Milton Santos aponta:

A exigência de fluidez manda baixar fronteiras, melhorar os transportes e comunicações, eliminar os obstáculos à circulação do dinheiro (ainda que a das mercadorias possa ficar para depois), suprimir as rugosidades hostis ao galope do capital hegemônico. (SANTOS, 1994:34)

Notamos isso ao analisarmos a quantidade de computadores conectados à rede (host) ³ pelo mundo na TABELA 1: notamos um domínio das grandes potências mesmo em países emergentes como o Brasil, que apresenta um alto índice de conectividade apesar de uma enorme exclusão digital⁴. Também significa que esses países possuem uma parte menor do montante do volume dos fluxos que circulam pelos diversos tipos de redes.

O poder sobre as redes redefine a relação de poder territorial. Essa relação, segundo David Harvey, ocorre pela acessibilidade e distanciamento, “fricção da distância”, apropriação do espaço, domínio do espaço e a produção do espaço onde:

A fricção da distância está implícita em toda compreensão do domínio e da apropriação do espaço, enquanto a apropriação persistente de um espaço por um grupo particular (digamos, a gangue que manda na esquina) equivale a um domínio de facto desse espaço. A produção do espaço, na medida em que reduz a fricção da distância (por exemplo, a “aniquilação do espaço por intermédio do tempo” do capitalismo), altera o distanciamento e as condições de apropriação e domínio. (HARVEY, 1989:203)

³ **host** é um termo proveniente do inglês que significa hospedar, ou alojar aquilo ou aquele que não faz parte do recinto. Nas redes de computadores, significa qualquer máquina ou computador conectado a uma rede. Os hosts variam de computadores pessoais a supercomputadores, dentre outros equipamentos, como roteadores. Fonte <http://www.dicionarioinformal.com.br/host/> acessado em 20/05/2012.

⁴ Refiro-me aqui àqueles que não tem acesso à internet e nem contato com as novas tecnologias da conectividade.

TABELA 1 – Posição dos países por números de Hosts.

POSIÇÃO DOS PAÍSES POR NÚMERO DE HOSTS				
Fonte: Network Wizards 2008				
	País	Julho 08	Janeiro 08	Class. Jan 08
1°	Estados Unidos*	315.673.209	302.684.146	1°
2°	Japão (.jp)	39.909.473	36.603.719	2°
3°	Alemanha (.de)	22.606.423	20.659.105	3°
4°	Itália (.it)	17.701.896	16.730.591	4°
5°	China (.cn)	14.306.332	14.356.747	6°
6°	França (.fr)	14.255.604	13.113.985	5°
7°	Austrália (.au)	11.133.768	10.707.139	7°
8°	Holanda (.nl)	10.982.607	10.540.083	8°
9°	México (.mx)	10.652.806	10.151.592	10°
10°	Brasil (.br)	9.572.594	10.071.370	9°
11°	Reino Unido (.uk)	8.269.443	7.727.550	11°
12°	Polônia (.pl)	7.808.316	7.134.976	12°
13°	Taiwan (.tw)	5.225.094	5.121.607	13°
14°	Canadá (.ca)	5.119.021	4.717.308	14°
15°	Rússia (.ru)	4.822.137	3.728.551	17°
16°	Finlândia (.fi)	3.877.377	3.618.495	15°
17°	Bélgica (.be)	3.840.666	3.577.635	16°
18°	Argentina (.ar)	3.812.544	3.513.170	21°
19°	Dinamarca (.dk)	3.641.667	3.308.684	20°
20°	Suécia (.se)	3.578.540	3.256.134	18°
21°	Suíça (.ch)	3.436.826	3.128.975	19°
22°	Espanha (.es)	3.264.264	3.085.513	22°
23°	Noruega (.no)	2.994.898	2.725.031	23°
24°	Áustria (.at)	2.806.256	2.589.316	24°
25°	Índia (.in)	2.706.503	2.584.572	25°
26°	Turquia (.tr)	2.666.859	2.425.789	26°
27°	República Tcheca (.cz)	2.423.849	2.093.497	27°
28°	Romênia (.ro)	2.195.113	2.014.220	28°
29°	Hungria (.hu)	1.879.347	1.689.456	29°
30°	Portugal (.pt)	1.857.854	1.643.768	31°

* / cada um mil com zero com nota info)

FONTE: <http://nic.br/shtml> - acessado em setembro de 2011

A partir das posições acima indicadas, entendemos que nenhum Estado ou corporação tem o controle total da internet; mesmo que esses busquem controlar determinadas informações, deparam-se com contra-poderes (*hackers*, por exemplo) que rompem com alguns controles estabelecidos. Apesar disso, o Estado se tornou o grande gerenciador da globalização, o que para Beck significa um necessário ritual de transição,

apontando que o Estado “como uma cobra que está perdendo a pele de suas tarefas clássicas e desenvolvendo uma nova “pele de tarefas” globais” (BECK, GIDDENS e LASH, 1997:52). As grandes privatizações das redes de telefonia, de transporte e de produção de energia ocorridas no Brasil desde a década de 1990, são exemplos da expansão do poder do capital sobre os territórios através das redes. Segundo Leila Christina Dias, esse processo surge lentamente já no final da década de 1980:

Em 1985, a rede passou a integrar virtualmente todos os municípios. Contudo, a evolução dos serviços aponta para um quadro de desigualdades – tanto de acesso quanto de ritmo de crescimento dos diferentes serviços. Nesse sentido, é importante distinguir os serviços de telecomunicações e as redes-suporte, que constituem a infra-estrutura. (DIAS in CASTRO, GOMES e CORRÊA, 2008:123)

Esses novos territórios, são, segundo HAESBAERT (2004:281) “dotados de significado, de expressividade, isto é, que tem um significado determinado para quem o constrói e/ou para quem dele usufrui”. Por isso Beck reforça que o papel do Estado não é o de garantir ou defender tais expressividades. Nessa nova fase, trata-se de viabilizar unilateralmente e sem discussões a aquisição desses territórios por essa nova ordem:

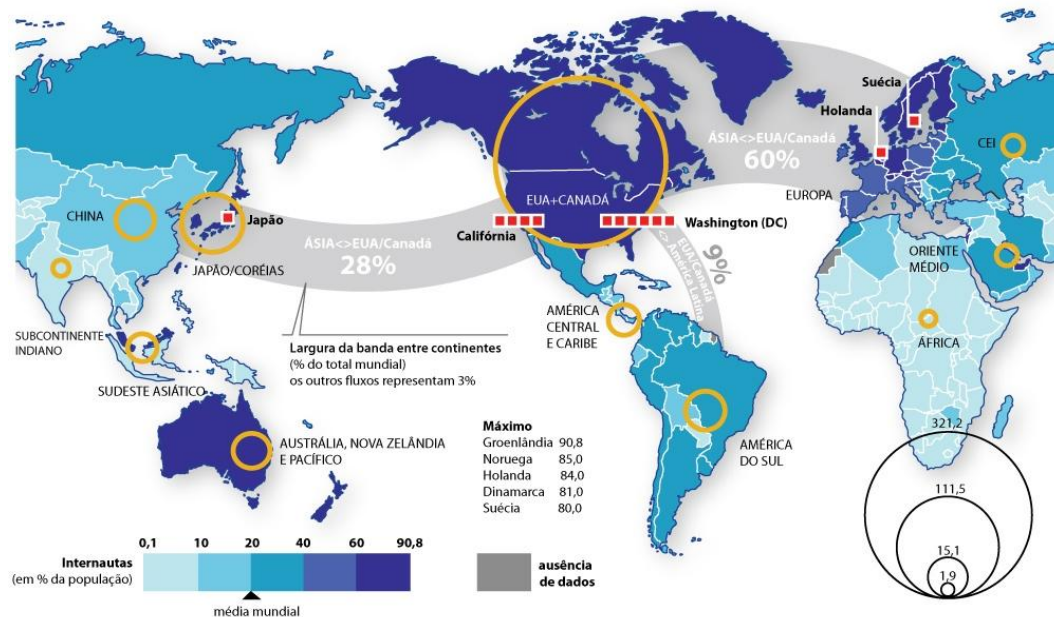
As novas tarefas do governo que devem ser iniciadas são caracterizadas pelo fato de não serem passíveis de negociação, mas podem e devem ser feitas mesmo assim. Um exemplo disso seria ferir os interesses vitais e de sobrevivência dos que ainda não nasceram e do mundo natural que nos cerca, ou a construção de uma ordem supranacional e idealmente global. (BECK, GIDDENS e LASH, 1997:55).

E um poder transgressor é descrito por Zygmunt Bauman da seguinte forma:

Graças às novas técnicas de ruptura, falta de compromisso, evasão e fuga agora à disposição das elites, os demais podem ser mantidos em xeque, incapacitados, e assim privados de seu poder limitante devido à vulnerabilidade e precariedade de sua situação. Não há mais a necessidade de "regular normativamente" a conduta deles. (BAUMAN, 2009:50)

A busca do controle será sempre a busca do controle do outro. Assim, ocorre da mesma forma com as redes que produzem o chamado ciberespaço⁵. No mapa 3, mais abaixo, notamos que as redes seguem uma mesma lógica de concentração, e estão nas mãos daqueles que dominam o processo de acumulação de capital.

MAPA 3 – Número de usuários de internet e a porcentagem da troca de informações no mundo



Fonte: DURAND, Marie-Françoise et al (Orgs.). Atlas da mundialização: compreender o espaço mundial contemporâneo. São Paulo: Saraiva, 2009, p. 42.
Ilustração: Robles/Pingado

⁵ O termo ciberespaço foi criado pelo escritor William Gibson e passou a ser usado para se referir ao espaço abstrato construído pelas redes de computadores. "O ciberespaço é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infra-estrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo" (Lévy, 2000, p. 17).

No gráfico abaixo, vemos o lucro obtido pelo comércio on-line. Ele tende a aumentar juntamente com o aumento da criação de grandes sites de vendas pelos grandes conglomerados.



FONTE: EBIT – www.e-commerce.org.br

O processo que nos discursos mais correntes é tratado como processo desterritorializante, de fato, reforça as relações de poder, e assim a legitimação das relações sobre o território e da produção de novas territorialidades. O que podemos afirmar é que novas relações ocorrem por novas dinâmicas e novas estruturas, e buscam reconstruir tais bases. É o que reafirma Rogério Haesbaert quando fala em “mito da desterritorialização”, discussão que surge com as novas e velhas redes, baseada na ideia do “fim dos territórios”. Assim ele afirma que:

Um dos principais problemas deste discurso da desterritorialização “informacional” é justamente este, o de não perceber que os verdadeiros sujeitos do processo não são “ubíquos e desencarnados”, e que o que aparece como “desterritorialização” em uma escala pode estar representando reterritorialização em outra. O objetivo central ou primeiro da reprodução e do controle social são sempre os indivíduos-sujeitos, não só enquanto consciências idealizadoras, mas também enquanto corporeidades ou materialidades. (HAESBAERT, 2004:276)

O que temos é que o processo de reterritorialização é também ordenado e reordenado pelas redes. Trata-se de um redimensionamento territorial, visto como materialização dos vários embates entre os diversos poderes que o compõem e que o reconstroem cotidianamente.

TABELA 2 - Coeficiente de variação das estimativas de distribuição das pessoas de 10 anos ou mais de idade que não utilizaram a Internet, no período de referência dos últimos três meses, por motivo de não terem utilizado a Internet, segundo as Unidades da Federação e as Regiões Metropolitanas - 2005/2008						
Unidades da Federação e Regiões Metropolitanas	Coeficiente de variação das estimativas de distribuição das pessoas de 10 anos ou mais de idade que não utilizaram a Internet, no período de referência dos últimos três meses (%)					
	Total	Motivo de não terem utilizado a Internet				
		Não tinham acesso a micro-computador	Não achavam necessário ou não queriam	Não sabiam utilizar a Internet	Custo do micro-computador era alto	Outro motivo
2008						
Brasil	-	1,6	1,4	1,7	5,9	4,5
Rondônia	-	4,5	6,7	6,2	34,3	20,5
Acre	-	8,8	10,2	23,8	32,7	24,6
Amazonas	-	7,2	15,3	11,5	35,4	15,1
Roraima	-	11,2	9,4	12,1	32,0	51,2
Pará	-	16,4	13,4	11,9	65,4	15,7
Região Metropolitana de Belém	-	5,1	4,1	5,3	22,0	10,8
Amapá	-	20,8	18,6	10,1	45,8	59,1
Tocantins	-	7,4	7,9	4,7	23,4	10,9
Maranhão	-	14,8	23,2	14,3	40,6	22,4
Piauí	-	15,7	18,6	9,0	45,5	17,7
Ceará	-	12,7	7,5	5,3	36,7	17,2
Região Metropolitana de Fortaleza	-	5,2	3,9	3,7	25,8	9,9
Rio Grande do Norte	-	14,4	11,6	12,9	31,2	18,2
Paraíba	-	8,9	13,3	5,8	34,9	21,8

Pernambuco	-	5,2	4,7	4,1	18,8	8,7
Região Metropolitana de Recife	-	5,6	3,9	4,2	22,7	8,3
Alagoas	-	6,0	9,5	11,9	45,4	12,5
Sergipe	-	7,9	12,5	12,6	26,5	15,2
Bahia	-	6,2	8,5	6,9	29,4	31,0
Região Metropolitana de Salvador	-	4,7	3,8	3,9	23,0	9,3
Minas Gerais	-	3,8	3,9	5,4	11,7	7,7
Região Metropolitana de Belo Horizonte	-	4,9	3,6	4,6	13,7	9,3
Espírito Santo	-	7,1	7,1	9,0	12,5	14,7
Rio de Janeiro	-	3,3	2,5	4,1	21,4	7,2
Região Metropolitana do Rio de Janeiro	-	3,8	2,7	4,6	19,7	8,6
São Paulo	-	2,7	2,7	4,1	12,0	5,7
Região Metropolitana de São Paulo	-	3,9	2,5	3,2	13,7	8,1
Paraná	-	4,8	4,7	5,2	16,1	9,2
Região Metropolitana de Curitiba	-	5,3	4,5	6,9	28,3	13,4
Santa Catarina	-	8,4	7,2	8,0	31,8	11,2
Rio Grande do Sul	-	4,8	4,1	6,1	16,6	7,9
Região Metropolitana de Porto Alegre	-	3,2	2,7	3,7	14,6	6,8
Mato Grosso do Sul	-	4,9	5,6	6,9	23,7	9,3
Mato Grosso	-	5,3	8,9	9,5	36,3	19,2
Goiás	-	5,7	3,7	6,5	11,9	8,3
Distrito Federal	-	6,5	6,0	6,2	36,4	12,3
Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2005/2008.						
(1) Inclusive as pessoas sem declaração do motivo de não terem utilizado a Internet.						

Segundo a TABELA 2, acima, em 2008 são significativos os números associados à não aquisição de microcomputadores, e não ao fato de estarem fora da rede de acesso, mesmo também sendo esse um dos problemas apontados na pesquisa. Isso

aponta para um território ainda muito fragmentado pela má distribuição do acesso à tecnologia devido a uma má distribuição da renda. Discutido por DIAS in CORREA (2006:148) “é antes de tudo pela conexão que a rede solidariza os elementos. Mas ao mesmo tempo em que tem o potencial de solidarizar, de conectar, também tem de excluir”. Assim, segundo a análise dos dados acima, regiões onde a renda é maior o uso dessas redes e das tecnologias são mais intensos, apontando para milhares de segregados do mundo virtual. Isso fica nítido quando analisamos o uso de redes sociais pelo mundo.

Isso não quer dizer que essa fragmentação virtual ou das redes de internet inviabilizam ou isolam esses lugares. Por vezes, essa ligação ocorre através de outras redes, pois os fluxos ocorrem em outra dimensão e de outra forma. Nisso, a expansão de rodovias, redes elétricas, de saneamento básico e telefonia antecedem outros tipos de redes (televisiva e internet), ainda que as redes passem eventualmente por lugares nos quais a população não terá, necessariamente, acesso livre a tais redes.

Essa interdependência explicita que algumas das expansões dessas redes ressaltadas não ocorrem por uma simples busca de melhorar a vida das pessoas, mas pela viabilização do aumento de consumo de novas técnicas e tecnologias, aquecendo assim o mercado e aumentando o volume dos lucros obtidos pelas empresas e financiadoras de créditos (bancos).

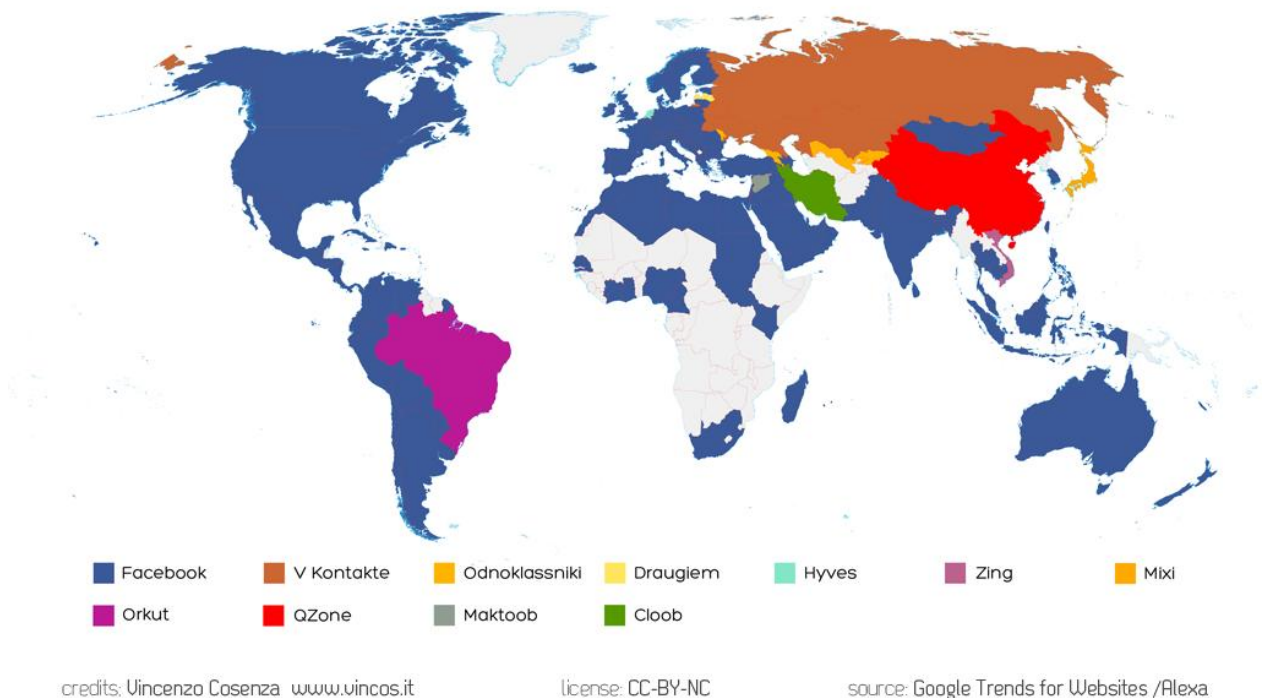
Logicamente, isso quer dizer que os lugares são produzidos de forma desigual, diversificada e carregados de embates. De forma desigual, pois: mediante a acumulação e a distribuição de capitais e meios de produção, materializa-se uma divisão de trabalho, que procura atender à nova dinâmica do processo de acumulação, mediada pelas novas tecnologias. Como afirmou Smith, “com o desenvolvimento das forças produtivas sob o capitalismo, a lógica que preside a localização geográfica afasta-se cada vez mais das considerações naturais” (SMITH, 1988, p. 152). Trata-se de uma lógica produzida também de forma diversificada, pois tais técnicas e tecnologias buscam um intercâmbio maior e com maior velocidade. Para Smith, a desigualdade do desenvolvimento dos diversos lugares é decorrente da atuação de duas tendências em essência contraditórias, simultaneamente sobre ele: a *tendência à diferenciação* e a *tendência à igualização*.

No MAPA 4 abaixo, notamos em alguns pontos (através do uso das redes sociais) a evidenciação de vários territórios que não fazem uso dessa conectividade global.

MAPA 4 – Influência das redes sociais pelo mundo

WORLD MAP OF SOCIAL NETWORKS

December 2010



O lugar está carregado de conflitos, pois sendo o movimento do vivido, do pertencimento, tal processo não ocorre de forma harmoniosa. Esses conflitos fazem parte da história do indivíduo enquanto produz e reproduz sua vida cotidianamente. Para SANTOS (1994:63) a “técnica constitui um elemento de explicação da sociedade, e de cada um dos seus lugares geográficos”. Mas também ressalta que “ela não explica nada” sem as relações que a constituiu.

Em direção a essa discussão, Amadeu Cardoso discute em sua tese que “sobre a anulação dos espaços, é importante destacar que a redução das distâncias por uma aceleração das velocidades, ou seja, uma economia do tempo, não pressupõe

necessariamente a morte dos lugares, pois os lugares adquirem importância como nós, centros de poder e decisão, centros de recursos. A centralidade dentro da rede é um ponto de convergência e produção de ideias, capitais. Fluxos necessitam de análise, armazenamento, recodificação e nova redistribuição, difusão incessante” (CARDOSO, 2008:23).

A ampliação e a abrangência da informação também significam que o território altera-se no confronto dos interesses, nos embates entre os diversos níveis e instâncias que formam essa relação de poder. Sobre esses embates, analisando esse momento de expansão das redes e dos capitais, Milton Santos salienta que:

Essa globalização tem de ser encarada a partir de dois processos paralelos. De um lado, dá-se a produção de uma materialidade, ou seja, das condições materiais que nos cercam e que são à base da produção econômica, dos transportes e das comunicações. De outro há a produção de novas relações sociais entre países, classes e pessoas. A nova situação, conforme já acentuamos, vai se alicerçar em duas colunas centrais. Uma tem como base o dinheiro e a outra se funda na informação. Dentro de cada país, sobretudo entre os mais pobres, informação e dinheiro mundializados acabam por se impor como algo autônomo face à sociedade e, mesmo, à economia, tornando-se um elemento fundamental da produção, e ao mesmo tempo da geopolítica, isto é, das relações entre países e dentro de cada nação. (SANTOS, 2000:67)

O território virtual potencializa as condições da multiterritorialidade, mediante afinidades e interesses, num rearranjo de seleção-segregação-agregação. Ao mesmo tempo em que você está segregado em uma parte, você está sendo convidado em outra parte num movimento contrário, isso mediado pela seleção. MOREIRA (2008:82) vai salientar que “a organização espacial da sociedade começa com a prática da seletividade”, que hoje também se torna a base das formações das redes sociais virtuais.

O resultado disso é a criação de grupos que criam seus próprios símbolos e significados, sua linguagem e seus códigos que são subvertidos pela lógica do capital num

processo de reificação dessa produção e de seus resultados. Segundo Bakhtin, essa produção também está carregada de ideologias:

Os signos também são objetos naturais, específicos, e, como vimos, todo produto natural, tecnológico ou de consumo pode tornar-se signo e adquirir, assim, um sentido que ultrapasse suas próprias particularidades. Um signo não existe apenas como parte de uma realidade; ele também reflete e refrata uma outra. Ele pode distorcer essa realidade, ser-lhe fiel, ou apreendê-la de um ponto de vista específico, etc. Todo signo está sujeito aos critérios de avaliação ideológica (isto é: se é verdadeiro, falso, correto, justificado, bom, etc.). O domínio do ideológico coincide com o domínio dos signos: são mutuamente correspondentes. Ali onde o signo se encontra, encontra-se também o ideológico. Tudo que é ideológico possui um valor semiótico. (BAKHTIN 2006:30)

1.3 - Relendo a história da territorialidade da internet.

A internet (essa nova base de relações) surge por consequências de grandes disputas econômicas, políticas e militares que, para CASTELLS (2003:155) foram estimuladas pelo medo de uma nova guerra que obrigou a criação de um sistema que permitisse que o processamento de dados ocorresse em qualquer parte do país. Assim surge uma ideia de um funcionamento em rede. Todos os computadores funcionando numa interação simultânea. Nessa necessidade, embrionou-se o que hoje chamamos de internet. Nisso está a origem da Internet. Segundo Castells:

As origens da Internet podem ser encontradas na Arpanet, uma rede de computadores montada pela Advanced Research Projects Agency (ARPA) em setembro de 1969. A ARPA foi formada em 1958 pelo Departamento de Defesa dos Estados Unidos com a missão de mobilizar recursos de pesquisa, particularmente do mundo universitário, com o objetivo de alcançar a superioridade tecnológica militar em relação à União Soviética na esteira do lançamento do primeiro Sputnik em 1957. A Arpanet não passava de um pequeno programa que surgiu de um dos departamentos da ARPA, o Information Processing Techniques Office (IPTO), fundado em 1962 com base numa unidade preexistente. O objetivo desse departamento, tal como definido por seu primeiro diretor, Joseph Licklider, um psicólogo transformado em cientista da computação no Massachusetts Institute of Technology (MIT), era estimular a pesquisa em computação interativa. Como parte desse esforço, a montagem da Arpanet foi justificada como uma maneira de permitir aos vários centros de computadores e grupos de pesquisa que trabalhavam para a agência compartilhar on-line tempo de computação. (CASTELLS, 2001:15)

Essa busca ocorreu com maior intensidade nos EUA. Uma rede de computadores já estava funcionando desde 1958, fundada pelo Departamento de Defesa dos Estados Unidos, buscando superar tecnologicamente a ex-União Soviética. Essa busca

pela interatividade entre os computadores dessa rede foi o caminho para o desenvolvimento da internet. Pontos esparsos, mas interligados dando uma nova geograficidade aos fluxos de informação. Segundo Castells:

A Guerra Fria forneceu um contexto em que havia forte apoio popular e governamental para o investimento em ciência e tecnologia de ponta, particularmente depois que o desafio do programa espacial soviético tornou-se uma ameaça à segurança nacional dos EUA. Nesse sentido, a Internet não é um caso especial na história da inovação tecnológica, um processo que geralmente está associado à guerra: o esforço científico e de engenharia feito em torno da Segunda Guerra Mundial constituiu a matriz para as tecnologias da revolução da microeletrônica, e a corrida armamentista durante a Guerra Fria facilitou seu desenvolvimento. (CASTELLS, 2001:22)

Com a rede funcionando, alguns nós foram criados principalmente nas universidades que foram responsáveis pelo desenvolvimento de novos programas e por tornar mais dinâmicas as trocas de informações. Mas a supervisão do Estado sempre esteve presente nesse desenvolvimento na forma de fomentador desse tipo de pesquisa. Devido aos grandes avanços no desenvolvimento de protocolos intrarredes, que permitiram o aumento dessa rede entre o continente americano e o europeu, o principal foi o TCP/IP (*Transmission Control Protocol*). Esses protocolos permitiram a ampliação dessas redes antes governamentais, para serem utilizadas em escalas maiores. Essa importância é ressaltada por CASTELLS (2003) que relaciona também, para difusão dessa rede, a cultura de liberdade individual dos campi universitários e a livre utilização desses protocolos. Isso permitiu que os usuários aperfeiçoassem esse sistema.

Segundo Marcelo Sávio R. M. de Carvalho, o desenvolvimento do sistema TCP/IP e o desenvolvimento de um sistema operacional, foram cruciais para a interconexão entre os computadores.

Em seguida, foi informado a toda a comunidade da ARPANET que todos os computadores deveriam adotar o TCP/IP até a data limite de 1º de janeiro de 1983, quando então todo o tráfego NCP seria desativado. A decisão (de cima para baixo) de se mudar o protocolo da rede pegou muitos de surpresa e deu-se

início a uma corrida contra o tempo, uma vez que era necessário desenvolver e testar o novo protocolo nos diversos programas (correio eletrônico, transferência de arquivos, login remoto etc.) que rodavam nas dezenas de computadores que faziam parte da ARPANET, além de ter que substituir os IMPs (e TÍPs) por novos equipamentos da BBN. Muitos participantes da ARPANET deixaram para realizar as mudanças em última hora, por desconhecimento ou por acharem que as notícias sobre a “morte” do protocolo NCP andavam meio exageradas. De fato, se achava que o NCP ainda iria sobreviver por algum tempo, a despeito das comunicações de Jonathan Postel, do *Information*. Entre os projetos (financiados pela ARPA) de implementação do TCP/IP, o de maior sucesso se deu na Universidade de Berkeley quando, em 1983, a universidade passou a distribuir o código do sistema operacional UNIX com o TCP/IP embutido. Essa versão do UNIX ficou conhecida como *Berkeley Software Distribution* (BSD) e sua estratégia de distribuição, praticamente sem custos para as instituições que o solicitassem, fez com que o UNIX se tornasse o sistema operacional predominante na maioria das diferentes máquinas da Internet por vários anos. Assim como acontecera anteriormente com a tecnologia das redes de pacotes, o sucesso do UNIX certamente dependeu da expansão da Internet (e do TCP/IP) assim como o sucesso da Internet foi viabilizado pela grande disseminação do UNIX (com TCP/IP embutido) entre as universidades (SALUS, 1995:131).

Segundo Castells, a internet é difundida muito rapidamente pelas universidades e governos, o que para ele foi crucial para o desenvolvimento e a abrangência das redes de computadores.

A rápida difusão dos protocolos de comunicação entre computadores não teria ocorrido sem a distribuição aberta, gratuita, de software e o uso cooperativo de recursos que se tornou o código de conduta dos primeiros hackers. O advento do PC ajudou consideravelmente a difusão das redes de computadores, como o demonstra a difusão global do FIDONET. A maioria das redes, contudo, exigia um *backbone* ancorado em máquinas mais potentes, e isso só foi possível graças ao contato entre redes baseadas em ciência e comunidades estudantis de *hackers* nas universidades. As universidades foram terreno comum para a circulação da inovação entre redes exclusivas da *big science* e as redes contraculturais

improvisadas que surgiram em todos os tipos de formato, os dois mundos eram muito diferentes, mas tinham mais pontos de contato do que geralmente se pensa. (CASTELLS, 2001:25)

Assim, percebemos que a internet aparece devido a uma nova demanda de conectividade e a uma nova qualidade de fluxos. As transformações territoriais resultantes de um novo movimento da sociedade exigem das técnicas *instantaneidade*; isso também como resultado da necessidade da multiplicação da acumulação, e domínio que se quer cada vez mais hegemônico (econômico e político) ditado pelo novo momento.

A territorialidade da internet constitui a concretude de novas relações da sociedade. Nela se inscreve uma nova dimensão dessas relações, reterritorializando, assim, velhos e novos tensionamentos.

Capítulo 2 - Comunicação e Poder na Territorialidade da Internet

É inegável que hoje a abrangência dos meios de comunicações, potencializadas pelas novas técnicas, redefinem as relações intrínsecas ao território e assim o próprio território. No mundo moderno os objetos de disputas são também a informação e o próprio controle dos fluxos resultantes da busca por ela.

Nesse capítulo permeamos nossa discussão sobre o poder que a comunicação tem nas novas relações sociais, e como esse poder tece novas territorialidades; como esses novos tensionamentos redefinem e reinscrevem os territórios uma nova lógica e uma nova qualidade dos fluxos.

Lembramos, aqui, que o ato de comunicar-se não ocorre de forma isolada e também as diversas formas de comunicação estão integradas aos processos culturais das sociedades. Segundo Pinto, o homem “desenvolve um ambiente secundário, artificial” (PINTO, 2003:06) para suprir às necessidades do meio, sendo a comunicação o principal artifício onde ele destaca:

o conjunto das relações dos homens entre si, que caracteriza, ao mesmo tempo, a estática e a dinâmica da existência social, o conjunto das formas de expressão de que se serve o homem e o conjunto das relações dinâmicas entre os homens e seu meio natural, relações essas que se manifestam mediante o emprego das técnicas. (PINTO, 2003:06)

Não concordamos com a ideia de uma existência social “estática”, pois o movimento com suas tensões sociais redefinem constantemente os territórios. E pensamos que essas “relações dinâmicas entre os homens e seu meio natural” constituem o próprio território.

2.1 - A Tecnologia na Comunicação e sua Territorialidade.

Na busca de ampliar sua comunicação para além do aqui, com técnicas e tecnologias desenvolvidas para esse fim, o homem potencializa sua ação, tencionando fronteiras. O século XIX dá um novo sentido à comunicação. E a comunicação é central no processo de globalização da informação.

Seguindo as tendências universalizantes, a informação foi moldada já no século XIX para ser instantânea, respondendo a uma sociedade que se industrializava numa nova velocidade. Para Mattelart:

O século XIX inventa a *news* e, com ela, o ideal da informação instantânea. Entre 1830 e 1850 criam-se as grandes agências. A partir de 1875, começaram a formar os grupos de imprensa. Surgem os primeiros gêneros escritos da produção cultural de massa. Antes mesmo da Primeira Guerra, as indústrias do cinema e da música revelam seu potencial de exportação. (MATTELART, 2000:47).

Nesse período novas tecnologias, impulsionadas pela utilização da eletricidade, dinamizaram e atenderam a essa nova necessidade. Cabos telegráficos que cortaram os mares e os oceanos nesse mesmo período traduzem essa busca de dar maior vazão a uma nova qualidade de fluxos: o financeiro. Segundo Burker:

La tecnología es inseparable de la economía, y el concepto de Revolución Industrial precedió al de una revolución -larga, continua e inacabada- en las comunicaciones. El segundo concepto, sólo formulado con claridad a finales del siglo xx, ya había comenzado a tomar forma en el XIX. De acuerdo con lo que Charles Knight (1791-1873), pionero británico de las ediciones baratas y la prensa popular, llamó «victoria sobre el tiempo y el espacio», el tiempo (y la distancia) se redefinieron bajo la influencia, primero, del ferrocarril y el buque

de vapor, y luego de un conjunto de nuevos medios: telégrafo, rádio, fotografia y cinematógrafo. (BURKER, 2002:123)

O capitalismo financeiro deu aos fluxos uma nova roupagem. Mesmo com a expansão das redes ferroviárias e da melhoria das técnicas e tecnologias que aceleraram as viagens náuticas, nessa fase o capital se volatiliza através dos bancos e bolsas de valores. Nesse ponto, entendemos que a busca da concentração de riquezas associadas com a tendência liberal da economia, exigia estruturas que atendessem tais demandas. Por isso Mattelart aponta:

A legitimação da informação econômica na Europa do século XIX perfaz um longo caminho. Ela confirma a hipótese do historiador americano David Landes, para quem um dos fatores do progresso das “sociedades ocidentais” no processo de industrialização foi a “paixão de aprender com os outros”. Inovação rimando com imitação, a prática da espionagem industrial corre ininterruptamente ao longo da história moderna da Europa, tanto mais quanto outras sociedades tinham menos espírito de iniciativa neste ponto e faziam progressos consideráveis nos domínios mais importantes da técnica. Isso explica, por exemplo, o itinerário das importações da China (a manivela, a pólvora, o compasso, o papel, e muito provavelmente a imprensa). (MATTELART, 2000:52)

A informação mais uma vez, torna-se valiosa para o sistema capitalista. Isso abriu precedente para que o Estado chamasse para si o direito e o dever de procurar controlar qualquer tipo de informação e as tecnologias para sua propagação já no início do século XX. Isso fica claro quando Burker analisa essas ações na Europa do final do século XIX e início do século XX.

En Francia, aunque por diferentes razones, el control estatal de las comunicaciones se juzgó esencial desde el inicio mismo, pero há bida cuenta de la buena fortuna dei semáforo ideado por los hermanos Chappe que se introdujo

durante la Revolución y de los más de 4.800 kilómetros de líneas de semáforos en funcionamiento en la década de los cuarenta, todas ellas operadas por el Ministerio de Guerra, el progreso en la telegrafía eléctrica fue lento. Una ley de 1837 establecía el monopolio permanente de las comunicaciones a distancia, y diez años después el ministro francés del Interior reiteraba con firmeza que la telegrafía no sería un instrumento de política ni de comercio. Fuera cual fuere el régimen constitucional siguiente, sus sucesores estuvieron de acuerdo. Muy similares actitudes respecto del espacio nacional" caracterizarían la política francesa del siglo XX en materia de relaciones con la radio y las telecomunicaciones. (BURKER, 2002:150)

Essa ideia vai ser reforçada no período entre guerras, na Alemanha Nazista e pelo Socialismo de Estado stalinista. As evoluções das técnicas produziram informação de massa para as massas, isso devido ao desenvolvimento principalmente do cinema, da fotografia e das melhorias das máquinas de impressão em várias partes da Europa e nos EUA. Segundo Teixeira, que analisa o cinema nazista, esse foi o momento onde substituíram momentos tristes por momentos triunfantes:

A utilização do cinema como veículo de propaganda pelo governo alemão surgiu ainda durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1918). A Universum Film Aktien Gesellschaft (UFA), fundada em 1917, será o maior pólo do cinema nacional do período [;] filmes serão utilizados pelo alto comando militar alemão como forma de combater a propaganda da Tríplice Aliança. Em 1927, apesar da República de Weimar manter um terço das ações, o controle da empresa passa para Alfred Hugenberg, futuro ministro da Economia no III Reich. Este financiará secretamente diversos grupos nacionalistas, entre eles os nazistas. Diante das imposições do Tratado de Versalhes e da incapacidade das forças políticas em debelar a crise econômica e social na Alemanha após a Primeira Guerra, o NSDAP começa a ganhar força política no país e alcançar um bem-sucedido desempenho eleitoral. Adolf Hitler passa a aparecer com frequência nos cine-jornais da UFA, o que influiu na melhora a imagem pública de Hitler e do partido (Pereira, 2003, p. 109 e 110). Em 1933, após a morte do presidente Hindenburg (Hitler havia se tornado chanceler alemão e os nazistas já eram maioria no governo), os nazistas instauram a ditadura no país. (TEIXEIRA, 2008: 2. Colchetes meus)

Outra tecnologia surgiu com a Segunda Guerra Mundial: o computador. No início, construído para decifrar os códigos dos Alemães, um imenso maquinário que tinha por função armazenar, criptografar e decifrar foi o embrião do que temos hoje como computador. “O Mark I (Howard Aiken) foi o primeiro computador eletromecânico construído. Bastante diferente dos computadores atuais, o Mark I possuía 18 metros de comprimento, dois metros de largura e pesava 70 toneladas. Era constituído por 7 milhões de peças móveis e sua fiação alcançava 800 km. Com a chegada dos computadores eletrônicos o Mark I logo foi substituído.” (ABREU, 2006: 2).

A evolução dessa nova técnica deu um impulso significativo principalmente na função de banco de dados. Toda informação produzida então, não estava somente em pastas e arquivadas aos montes em arquivos e cofres secretos. A forma de armazenar a informação alterou e aprofundou o desenvolvimento de tal tecnologia.

O computador só ganhou o consumidor em larga escala em meados da década de 1970 na Europa e nos EUA, e em meados da década de 1980 no Brasil. Três motivos impediram a chegada dos computadores mais cedo ao consumidor, principalmente o dos países pobres: primeiro, a televisão era a principal tecnologia midiática de consumo da sociedade, principalmente com a produção de televisores que transmitiam em cores, o alto custo de produção das unidades, e o grande conhecimento técnico necessário para utilizar as unidades mais antigas.

A comunicação através da internet neste período era restrita e inexistente na maior porção do Planeta. Os Estados Unidos concentrava em seu governo, seus quartéis gerais, e suas principais universidades, juntamente com algumas poucas entidades estrangeiras e correlatas essa tecnologia de conectividade. Segundo Evaso:

A sociedade em geral estava isolada dessa modalidade de comunicação, e, além dessa concentração funcional, a rede ainda era pouco complexa, muito menor e mais lenta do que a de hoje. (...)

A conectividade no período teórico-experimental era especializada, isto é, tinha aplicações específicas e funcionalmente bem delimitadas, justamente por estar restrita às parcelas da sociedade que a utilizava. Nesse sentido, os objetos

técnicos acompanhavam esta demanda, tanto em proporção, potencialidade e restrição. (EVASO, 2006: 29)

Países pobres ou em vias de desenvolvimento, na década de 1990, passavam por uma reestruturação econômica no intuito de se alinhar às ideias neoliberais abrindo suas economias ao grande investidor estrangeiro. Antes disso, uma grande parte desse mercado consumidor não possuía recursos para adquirir essa nova tecnologia, que ficava restrita aos grandes bancos e às multinacionais.

Mas com o reordenamento mundial pós-bipolaridade, a ideia da conectividade global exigia uma nova dimensão de comunicação. As informações tinham novas qualidades e precisavam que as redes que as escoam também acompanhassem essa nova tendência.

Segundo Almeida:

No final da década de 1970/80 John Sinclair, no U.K., concebeu um computador minúsculo que denominou ZX81 integrando na sua Unidade Aritmética e Lógica um interpretador para uma linguagem de programação (BASIC - Beginners All-purpose Symbolic Instruction Code), utilizando como periféricos, para além de um teclado de membrana, um receptor de TV e um gravador de "cassettes" musical e que era vendido ao público por cerca de 100 libras esterlinas. A capacidade da memória deste computador era cerca de 8 vezes maior que a do ENIAC (Electronic Numeric Integrator and Computer).

Paralelamente, Steven Jobs, nos U.S.A., concebe, segundo os mesmos princípios de miniaturização, facilidade de utilização e baixo preço, um computador que denomina Apple. Vários construtores iniciam, nessa época, a produção em larga escala de computadores miniaturizados, de fácil utilização e baixo preço de venda. O computador transforma-se num Bem para consumo.

Na mesma época Bill Gates e Paul Allen criam, nos U.S.A., a Microsoft, adquirem um Sistema Operativo à Seattle Computer (Q-DOS), rebatizam-no MS-DOS: (Microsoft Disc Operating System), celebram um contrato com a IBM para este tipo de computadores (Personal Computers) e banaliza-se o seu uso nas Empresas e no ambiente doméstico. (ALMEIDA, 2000:4)

Em meados da década de 1970, a Internet foi aberta ao uso público nos Estados Unidos. As alterações territoriais foram marcantes já no início da década de 1980, visto que várias corporações e organizações civis poderiam utilizar da mesma tecnologia para se organizar e assim aumentar a velocidade das informações e sua abrangência. Para Evasco:

Diversas instituições contavam exatamente com a maior rapidez da circulação de informações para atingir certos objetivos, seja pelo ganho de tempo para decidir ou de articulação de forças ou capitais. Isso vale para qualquer setor da economia, principalmente aquelas que tiveram a implantação mais agressiva da informática, como os bancos. Graças à crescente implantação da informática, muitas estratégias institucionais tiveram que ser revistas, outras foram totalmente suplantadas, quando não as próprias instituições o foram, por não poderem bancar uma revolução tecnológica. (EVASCO 2002:41)

Já na década de 1990, um *boom* do consumo de conexões no Brasil e no mundo. O que fica bem ilustrado na TABELA 3 abaixo:

TABELA 3 - Crescimento da população de usuários da Internet no Brasil.

Quantidade de pessoas conectadas a Web no Brasil

Data da Pesquisa	População total IBGE	Internautas (milhões)	% da População Brasileira	Fontes de pesquisa Internautas
2011 / jun	203,4	75,98	37,4	InternetWorldStats
2008 / dez	196,3	67,51	34,3%	InternetWorldStats
2007 / dez	188,6	42,60	22,8%	InternetWorldStats
2006 / dez	186,7	30,01	17,2%	InternetWorldStats
2005 / jan	185,6	25,90	13,9%	InternetWorldStats
2004 / jan	178,4	20,05	11,5%	Nielsen NetRatings
2003 / jan	176,0	14,32	8,1%	Nielsen NetRatings
2002 / ago	175,0	13,98	7,9%	Nielsen NetRatings
2001 / set	172,3	12,04	7,0%	Nielsen NetRatings
2000 / nov	169,7	9,84	5,8%	Nielsen NetRatings
1999 / dez	166,4	6,79	7,1%	Computer Ind. Almanac
1998 / dez	163,2	2,35	1,4%	IDC
1997 / dez	160,1	1,30	0,8%	Brazilian ISC
1997 / jul	160,1	1,15	0,7%	Brazilian ISC

Compilado por www.e-commerce.org.br / fonte: pesquisas diversas / população: variações anuais estimadas. / Internautas refere-se a quantidade de pessoas que tem acesso à Internet nas residências, no trabalho ou locais públicos.

A ideia da conexão assim como a ideia de estar em rede começa a fazer parte do cotidiano das pessoas com a chegada da internet. Assim, um grupo que inclui alguns dos mais importantes criadores da internet afirmam, em *Uma Breve História da Internet* que:

A Internet revolucionou o mundo do computador e das comunicações como nada antes dela. A invenção do telégrafo, telefone, rádio e computador lançaram as bases para esta integração de capacidades sem precedentes. A Internet é, simultaneamente, uma aptidão para emissão a nível mundial, um mecanismo para a disseminação da informação e um *medium* para a colaboração e interação entre os indivíduos e os seus computadores, sem olhar à localização geográfica.⁶

O desenvolvimento da internet cria uma nova dimensão das relações sociais. Não era simplesmente mais uma técnica. Ela nasce e rapidamente e é moldada às necessidades de mercado, principalmente a de estimular no indivíduo o consumo. À medida que a aceleração das trocas ocorre, a interação com outras pessoas e outros lugares conectados a essa nova rede, molda uma nova dimensão territorial. Para David Harvey:

A aceleração do tempo de giro na produção envolve acelerações paralelas na troca e no consumo. Sistemas aperfeiçoados de comunicação e de fluxo de informações associados com racionalizações nas técnicas de distribuição (empacotamento, controle de estoques, containerização, retorno do mercado etc.), possibilitaram a circulação de mercadorias no mercado a uma velocidade maior. Os bancos eletrônicos e o dinheiro de plástico foram algumas das inovações que aumentaram a rapidez do fluxo de dinheiro inverso (?). Serviços e mercados financeiros (auxiliados pelo comércio computadorizado) também foram acelerados, de modo a fazer, como diz o ditado, “vinte e quatro horas ser um tempo bem longo” nos mercados globais de ações. “(HARVEY, 2006:259)”.

⁶ Barry M. Leiner, Vinton G. Cerf, David D. Clark, Robert E. Kahn, Leonard Kleinrock, Daniel C. Lynch, Jon Postel, Larry G. Roberts, Stephen Wolff, *A Brief History of the Internet*, <http://www.isoc.org/internet/history>.

Esse movimento alterou as relações de poder sobre o território e, assim, o próprio território. O resultado disso foi o surgimento de novas dimensões de redes. As relações que se materializam na rede da internet vestem uma nova roupagem que se traduz na instantaneidade e individualidade para os indivíduos e seus lugares, bem como instantaneidade e expansão para as grandes corporações, alterando assim a relação da sociedade e de cada indivíduo com seus territórios.

No caso brasileiro e em praticamente todos os países em desenvolvimento, a etapa inicial foi de grandes adaptações, por possuir uma rede de linhas telefônicas escassas para uma nova demanda, o Estado (cumprindo seu papel de facilitador da multiplicação do capital) investiu (privatizando suas redes), na expansão e na qualidade dessas redes. De forma similar aos EUA, o Brasil assistiu a uma rápida expansão do volume de tráfego, número de usuários e transações efetuadas por meio do comércio eletrônico. Leila Christina Dias afirma que:

A política industrial de telecomunicações voltou-se para os projetos de alta tecnologia, buscando acompanhar a fronteira tecnológica internacional caracterizada pela substituição do paradigma eletromecânico pelo eletrônico. A reorganização do espaço nacional, condição indispensável à realização do modelo nacional, acompanhou as transformações do setor industrial. Em menos de vinte anos as infra-estruturas de suporte – rede de microondas e satélites – cobriram o conjunto do território, permitindo a introdução das diferentes redes-serviços. (DIAS in CASTRO, GOMES e CORREA, 2008:139).

2.2 - As Práticas Territoriais e sua Comunicação na Internet.

A internet abre outra possibilidade de práticas territoriais. Essa possibilidade de comunicar-se além de seu lugar e suas fronteiras alteram as configurações dos diversos territórios pelo mundo conectado às redes de computadores.

A base para se conectar a tais redes é material; por ser uma expansão física é necessário cabos, servidores, computadores, etc. O que se mundializa através dessas conexões são as ações humanas que transcendem fronteiras. Esse transcender não requer o deslocamento do indivíduo, requer somente sua conectividade e interatividade. A conectividade e a interatividade permitem ao indivíduo trocar experiências. A práxis humana, resultado da reprodução da vida da sociedade, não exige hoje, devido à internet, a necessidade de estar em determinados lugares. O mundo virtual é uma dimensão dessa mesma práxis. Segundo Evaso:

A ação é emitida através de um pulso no momento do desejo pessoal do agente, com as falhas e as virtudes de quem está fisicamente presente. Contudo, o desfecho dessa ação (um evento) encontra-se condicionado aos recursos de conectividade disponíveis. Nesse sentido, a disponibilidade de conectividade para a metade da superfície terrestre pressupõe que a virtualidade seja possível somente nessa porção. Não há virtualidade sem uma permissão territorial para isso, que é a conectividade. (EVASO, 2006:69)

Com o desenvolvimento da Internet produziu-se, entre seus usuários, uma linguagem própria, aquilo que identifica que o indivíduo, nessa territorialidade, ou seja, o usuário, de uma maneira ou de outra, busca compreender o conjunto da rede e os termos que determina seu conteúdo e funcionamento. Trata-se de um processo que carrega um discurso de produção de uma linguagem que tende a ser universal.

Os impactos nos territórios não são simulacros ou simulações eletrônicas fechadas em si mesmas; essas ações alteram a forma de domínio e de relação de poder territorial.

Percebemos isso quando analisamos o mapa abaixo, sobre redes sociais e sua abrangência. Os territórios se alteram pelo volume de seus fluxos, num acotovelar de chamarizes de diversos matizes. O mapa 7 mais abaixo, mostra a grande quantidade de redes sociais virtuais e suas territorialidades. Ao mesmo tempo em que as redes sociais virtuais permitem as trocas de forma instantânea, os territórios tendem a ser redefinidos por tais relações. O que é hoje, amanhã poderá ser o novo, num processo de jogo de forças. Essas tensões negam o território, produzindo outro, com novas qualidades e tensões.

Para isso, aperfeiçoa-se a nova forma de comunicação às novas tendências de consumo simbólico e das demais formas de relações que se materializam nas redes sociais. Para Pierre Bourdieu, “o poder simbólico é um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem gnoseológica: o sentido imediato do mundo (...)” (BOURDIEU, 1989:9).

Os símbolos (aquele que ordena os sentidos das relações sociais), as simulações (aquele que imita um fenômeno – mesmo ele sendo parte desse fenômeno) e os simulacros (aquele que imita um fenômeno com o intuito de iludir) são as novas armas de dominação, produção e reprodução territorial. Concordando com Baudrillard, Fiochi afirma que:

o simulacro, a tentativa de enganar, fazer com que o falso passe por verdadeiro, enquanto que a simulação, em seu princípio essencial, não busca nem o verdadeiro nem o falso: ela estabelece modelos que são capazes de reproduzir virtualmente o real e dar conta de seu funcionamento, mas sem explicá-lo. A simulação simula, mas não explica. Embora o modelo digital da representação esteja cada vez mais onipresente, nós não vivemos mais na era dos simulacros, mas sim na era da simulação. A simulação põe fim ao simulacro.” (FIOCHI, 2007: 1).

Simulação e simulacros são meios pelo qual se cria uma nova realidade sedutora e instantânea. A instantaneidade das trocas nas redes da internet é a própria sedução. A conectividade tende a englobar a tudo e a todos, em meio a resistências. Estas interferem no que tende a se tornar habitual e comum. São ruídos que buscam romper o silêncio da aceitação incondicional. Sobre a simulação, Baudrillard afirma o seguinte:

Já não se trata de imitação, nem de dobragem, nem mesmo de paródia. Trata-se de uma substituição no real dos signos do real, isto é, de uma operação de dissuasão de todo o processo real pelo seu duplo operatório, máquina sinalética metaestável, programática, impecável, que oferece todos os signos do real e lhes curto-circuita todas as peripécias. (BAUDRILLARD, 1987:9)

A produção das relações que se materializam territorialmente, são mediadas por novos símbolos de poder: “é enquanto instrumentos estruturados e estruturantes de comunicação e de conhecimento que os «sistemas simbólicos» cumprem a sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre a outra (violência simbólica) dando o reforço da sua própria força às relações de força que as fundamentam e contribuindo assim, segundo a expressão de Weber, para a «domesticação dos dominados»” (BOURDIEU, 1989:11). Castells aborda que:

O poder na Era da Informação é a um só tempo identificável e difuso. Sabemos o que ele é, contudo não podemos tê-lo, porque o poder é uma função de uma batalha ininterrupta pelos códigos culturais da sociedade. (CASTELLS, 1999:423)

Esse processo não é muito distinto da territorialidade da internet: atrela-se o consumo dos meios que viabilizam a conectividade como celulares, computadores, *tablets*, *notebooks*, *netbooks*, etc. A venda de tais produtos está carregada de tais símbolos.

O discurso não está baseado somente na compra da tecnologia, mas também na compra da conectividade.

Assim, a evolução dos usuários da internet está ligada cada vez mais à busca da imposição da técnica como algo imprescindível na contemporaneidade. A forma e a velocidade das transformações constituem novas territorialidades. O que devemos abordar é que nem todos tem acesso a essa rede por isso; como sempre ocorreram, com a chegada de novas tecnologias, as velocidades de transformações no território serão desiguais, devido às forças que determinam e dominam tais tecnologias.

2.3 - O Controle Territorial das Informações na Internet.

As informações nesse período da história, iniciado em meados do século XVIII, é objeto de disputas em várias instâncias governamentais e econômicas. Percebemos isso ao longo da história do desenvolvimento do sistema bancário e das bolsas de valores. Informações privilegiadas sempre foram disputadas pelos grandes especuladores. Nesse período, portanto, controlar as informações e seus meios de propagação já era fundamental para estratégias de expansão das ações do capital, procurando transformar o território à sua mercê.

A ameaça da privacidade, da proteção de determinada informação, exige uma busca cada vez maior do controle como forma de segurança. Nisso, também, tende a ser incluídas ideias de quebrar a privacidade do outro em prol da segurança dos demais. Logicamente, isso ocorre de uma forma desigual. Castells aponta que:

As novas e poderosas tecnologias da informação podem ser colocadas a serviço da vigilância, controle e repressão por parte dos aparatos do Estado (polícia, arrecadação de impostos, censura, supressão de dissidências políticas etc.). Do mesmo modo, podem ser empregadas pelos cidadãos para que estes aprimorem seus controles sobre o Estado, mediante o exercício do direito de acesso a informações armazenadas em bancos de dados de uso público, a interação on-line com seus representantes políticos e o acompanhamento de sessões políticas ao vivo, eventualmente com comentários, também ao vivo, sobre tais sessões. (CASTELLS, 1999:348)

Os tensionamentos desse movimento, também, propiciaram a possibilidade de disseminação das novas tecnologias, a busca do controle da sociedade pelo Estado e do Estado pela sociedade. Castells afirma que:

O que o poder da tecnologia faz é potencializar, de forma extraordinária, as tendências já enraizadas na estrutura e instituições sociais: sociedades opressoras podem aumentar seu poder de repressão por meio de novos mecanismos de vigilância, ao passo que sociedades democráticas participativas podem ampliar ainda mais seu grau de abertura e participação distribuindo mais poder político pelos recursos tecnológicos. (CASTELLS, 1999:349).

Nisso a discussão territorial das informações emerge com força num ambiente caracterizado pela aceleração dos fluxos de informações, mercadorias, ideias, energia e de pessoas. As redes, como funções ordenadoras desses fluxos, constituem a territorialidade da lógica da dominação de tais informações e dos capitais.

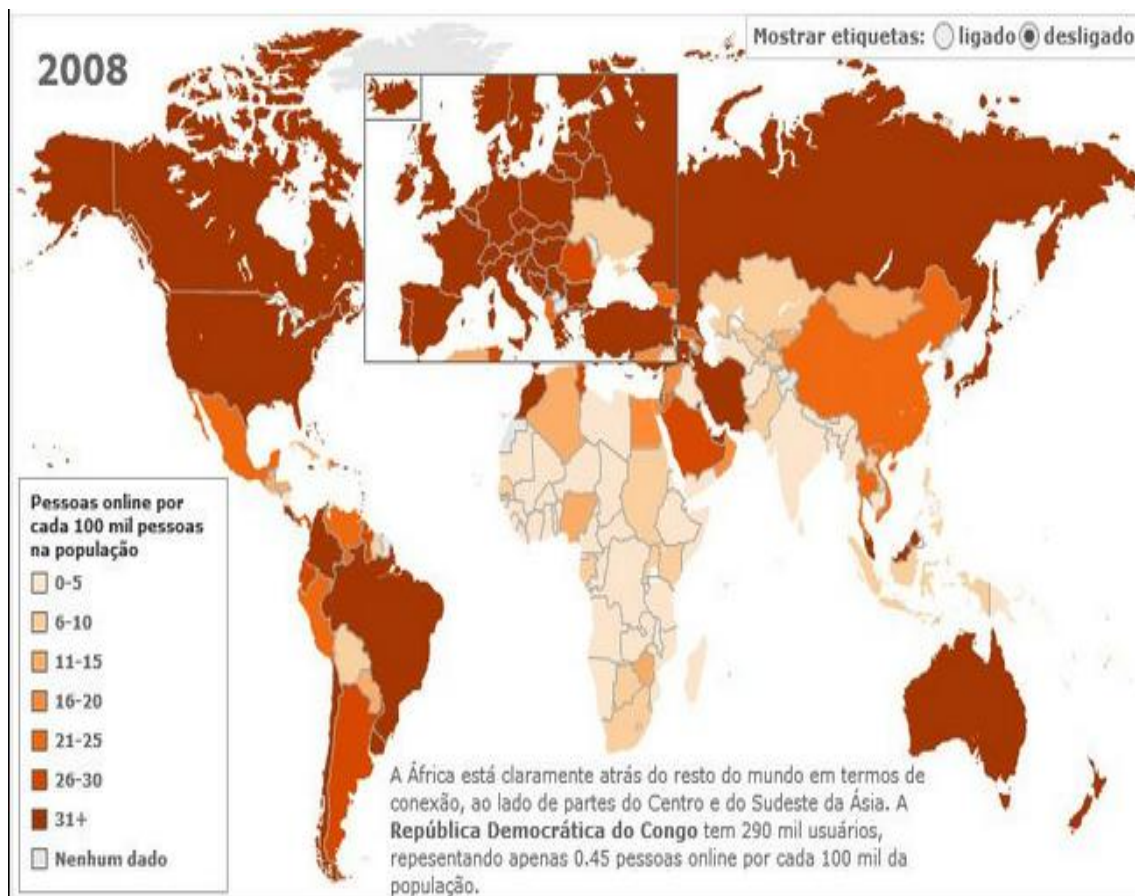
A rede passa a ser o meio pelo qual se impõe uma ordem (relação de poder) sobre os fluxos. Sendo o território resultado das ordenações, os fluxos tendem a manifestar-se de diversos modos, associados à necessidade de fluidez entre as diferentes localizações. Por isso as redes tem papel fundamental na organização territorial. Por sua ação conectiva dos nós, permitem que a ação e o discurso, por exemplo, sobre a globalização, em todos os níveis, tendam a atingir novos territórios, modificando-os e, por isso, introduzindo novos elementos.

Esses elementos se inscrevem nas relações entre sociedades e dela são resultados. As relações entre a tecnologia e a sociedade representam uma nova busca, nesse momento, “de contato e conexão entre os mesmos seja na forma material, no transporte de bens e geração de serviços assim como no transporte do ato comunicativo na forma de informação, intercâmbio ou gestão de negócios”. (JUNIOR, 2009:40)

O volume crescente dos fluxos num nível global das atividades econômicas eleva, quantitativamente e qualitativamente, a conectividade entre as grandes corporações, os mercados globais e os Estados, viabilizadores desse projeto. Isso não quer dizer que ela ocorra de forma homogênea: ela está carregada de desigualdades e tensionamentos. Segundo o MAPA 5, abaixo, em todas regiões, as conexões ocorrem distintamente: comparemos os dados entre a América do Norte e a América do Sul, e entre a América do Sul e a África. Segundo Canclini:

Como os acordos entre produtores, instituições, mercados e receptores – que constituem e renovam os pactos de leitura periodicamente – se fazem através dessas redes internacionais, o setor hegemônico de uma nação tem mais afinidades com aquele de outra do que com os setores subalternos da própria. (CANCLINI, 2006:67)

MAPA 5 – Pessoas online na internet em 2008



Fonte: BBC Brasil

Nisso há uma produção de uma nova hierarquia urbana global. Os territórios são reordenados na medida em que seu papel é mensurado pela velocidade e quantidade

de fluxos transmitidos. Por isso, nem todos participam e tem as mesmas importâncias nesse processo.

Capítulo 3 – A Internet e o Problema da “Compressão Espaço-Tempo”

As diversas evoluções tecnológicas surgidas desde o século XVIII buscavam um único objetivo: aproveitar o tempo cronológico na sua totalidade visando um aumento significativo da produção e sua circulação, do lucro e um meio de multiplicá-lo. Nesse ponto Harvey levanta a questão respondida por Marx em “O Capital”: “como é que a burguesia não pode existir sem revolucionar constantemente os instrumentos de produção e, portanto, as relações de produção?” (HARVEY, 2006: 102). Ele afirma que:

O efeito da inovação contínua é, no entanto, desvalorizar, senão destruir, investimentos e habilidade de trabalhos passados. A inovação exacerba a instabilidade e a insegurança, tornando-se, no final, a principal força que leva o capitalismo a periódicos paroxismos de crise. (HARVEY, 2006:103)

Logicamente, essa batalha contra o espaço (as diversas distâncias entre os pontos de interesses da lógica capitalista) e o tempo (as diversas dimensões e consumo de tempo dos diversos pontos de interesses da lógica capitalista), no intuito de encurtar o máximo o primeiro e consumir o máximo do segundo dita as regras do jogo da acumulação. Harvey aborda que:

Sob a superfície de ideias do senso comum e aparentemente “naturais” acerca do tempo e do espaço, ocultam-se territórios de ambiguidade, de contradição e de luta. Os conflitos surgem não apenas de apreciações subjetivas admitidamente diversas, mas porque diferentes qualidades materiais objetivas do tempo e do espaço são consideradas relevantes para a vida social em diferentes situações. Importantes batalhas também ocorrem nos domínios da teoria, bem como da prática, científica, social e estética. O como representamos o espaço e o tempo na teoria importa, visto afetar a maneira como nós e os outros interpretamos e depois agimos com relação ao mundo. (HARVEY 1996: 190)

Nisso, a evolução nos meios de transportes e da comunicação, deram ao capital um poder inimaginado: o de buscar sua reprodução nos mais variados cenários e situações de crises do próprio sistema. Um poder de destruição e reconstrução. O que para Canclini é a “globalização vista como um conjunto de estratégias para realizar a hegemonia de conglomerados industriais, corporações financeiras, *majors* do cinema, da televisão, da música e da informática, para apropriar-se dos recursos naturais e culturais, do trabalho, do ócio e do dinheiro dos países pobres, subordinando-os à exploração concentrada com que esses atores reordenaram o mundo na segunda metade do século XX”. (CANCLINI, 2003:29)

O Espaço-Tempo ganha uma nova dimensão e essas são consumidas de forma “desigual e combinada” pelas diversas realidades espalhadas pelo globo. A busca desse processo na atualidade é uma maior homogeneização no mundo das ações econômicas, culturais e militares, processo balizado por um Espaço-Tempo da mundialização. Harvey afirma que:

Outra implicação, em certos aspectos mais difíceis, é que as modificações das qualidades do espaço e do tempo podem resultar da perseguição de objetivos monetários. Se o dinheiro não tem um sentido independente do tempo e do espaço, sempre é possível buscar o lucro (ou outras formas de vantagem) alterando os modos de uso e de definição do tempo e do espaço. (HARVEY, 1996: 209)

O espaço-tempo, assim, está concretizado nas relações de poder, tensionamentos, na reprodução da vida. A velocidade desses é diferente e desigual. Assim, o espaço-tempo é produzido e consumido da mesma forma. O que para uma determinada sociedade é visto como compressão do espaço-tempo, para outra pode ser esse de forma dilatada. Milton Santos, tratando de distinguir o consumo do tempo real aponta que:

A história é comandada pelos grandes atores desse tempo real, que são, ao mesmo tempo, os donos da velocidade e os autores do discurso ideológico. Os homens não são igualmente atores desse tempo real. Fisicamente, isto é, potencialmente, ele é excludente e assegura exclusividades, ou, pelo menos, privilégios de uso. Como ele é utilizado por um número reduzido de atores, devemos distinguir entre a noção de fluidez potencial e a noção de fluidez efetiva. Se a técnica cria aparentemente para todos a possibilidade da fluidez, quem, todavia, é fluido realmente? Que empresas são realmente fluidas? Que pessoas? Quem, de fato, utiliza em seu favor esse tempo real? A quem, realmente, cabe a mais-valia criada a partir dessa nova possibilidade de utilização do tempo? Quem pode quem não pode? Essa discussão leva-nos a uma outra, na fase atual do capitalismo, ao tomarmos em conta a emergência de um novo fator determinante da história, representado pelo que aqui estamos denominando de *motor único*. (SANTOS, 2000:29)

Milton Santos trata como “motor único” o que ele considera uma “mais-valia universal”, o que de fato altera as relações e as tensões, o território. As novas tecnologias mediam essa nova forma de consumir e de se relacionar com espaço-tempo: a produção de territorialidades.

3.1 - A Territorialidade Redimensionada e a Internet.

O território é redimensionado a partir do momento em que a antiga ordem torna-se um obstáculo a outro movimento de uma sociedade em transformação. Tais embates emergem de vários pontos, e esses, tendem a solapar resistências. As novas tecnologias de informação são o resultado e meio para esse novo movimento. Para André Lemos:

As novas tecnologias de informação devem ser consideradas em função da comunicação bidirecional entre grupos e indivíduos, escapando da difusão centralizada da informação massiva. Várias tecnologias comprovam a falência da centralidade dos *media* de massa: os videotextos, os BBSs, a rede mundial Internet em todas as suas particularidades (WEB, Wap, *chats*, listas, *newgroups*, MUDs...). Em todos estes novos *media* estão embutidas noções de interatividade e de descentralização da informação. (LEMOS, 2010:68)

O capitalismo reordenou a lógica territorial pelo processo de monetarização das ações sobre e mediado por ele, o que para Harvey tem um resultado dialético, pois “essas tendências e tensões gerais devem ser situadas, no entanto, no âmbito dos interesses divergentes e da luta de classes, porque é quase invariável que as mudanças no tempo ou na organização espacial redistribuam o poder social ao modificarem as condições do ganho monetário (na forma de salários, lucros, ganhos de capital etc.)”. (HARVEY 1995:212)

Para David Harvey, estamos diante de uma das contradições do processo capitalista:

Mas também aqui o capitalismo encontra múltiplas contradições. As barreiras espaciais só podem ser reduzidas por meio da produção de espaços particulares

(estradas de ferro, autoestradas, aeroportos, centrais telefônicas etc.). (HARVEY 1996:212)

A ação sobre os territórios é concreta e essa concretude tem sua dinamicidade acelerada pelos novos meios de comunicação e de transporte. Essa dinamicidade, desse novo momento mundializado, cria uma sociedade da instantaneidade e do descarte e, ao mesmo tempo, uma sociedade que se reorganiza, se reterritorializa.

No primeiro caso, tudo e todos tem uma data de validade curtíssima. A necessidade de troca a uma velocidade crescente, estimula desapegos, parte de um processo de busca de trocas crescentes de bens e de pessoas, mediante conflitos de interesses. Estamos diante de territórios nos quais há um interesse que esteja nos planos em um futuro próximo, e que possa atender, por exemplo, às diretrizes de uma “cartilha” global econômica e política. Quando esses já não respondem às expectativas ou necessidades de quem os exploram, esses são deixados de lado e são excluídos. Nisso o território é definido e redefinido respondendo a determinadas demandas.

No segundo caso, a sociedade se organiza para dar cabo às necessidades econômicas e políticas globais. Quando isso ocorre, ocorre também um questionamento da ordem estabelecida. O fim do *status quo* redefine a relação de poder no território e exige novas formas estruturantes da sociedade. Para André Lemos

A cibercultura é uma configuração sociotécnica de produção de pequenas catástrofes que se alimentam das fusões, impulsões e simbioses contemporâneas: o usuário interativo da cibercultura nasce do desaparecimento do social (Baudrillard) e da implosão do individualismo moderno. (LEMOS, 2010:74)

De fato esse movimento da sociedade atual é um gerador de crises em sua essência. As relações de poder que estruturam seus territórios passam a se atritar com mais frequência e com uma maior violência. Nesses tensionamentos, o território se transforma e se redimensiona. Um exemplo ocorreu na chamada Primavera Árabe:

governos autocráticos e ditatoriais foram derrubados pela sociedade que percebeu que tal sistema não respondia às novas demandas que começaram a surgir em países ditos fechados para o Ocidente. A relação de poder mudou, mudando assim a relação da sociedade com seu território e com o território do outro. Discutindo essas transformações, Saque aponta o seguinte:

O *velho* é recriado no *novo*, num movimento concomitante de descontinuidade e continuidade, de superações. A continuidade se dá na não mudança e na própria descontinuidade, que contém, em si elementos do momento e da *totalidade* anteriores. Com isso, o velho não é suprimido, eliminado, mas superado, permanecendo, parcialmente, no novo. É um processo inerente ao movimento universal e à dinâmica territorial, histórica e geográfica.”(SAQUET, 2007:161)

A internet por sua vez, nesse caso, foi um grande meio de organização da sociedade em prol de um objetivo. Ela foi a responsável por redimensionar territórios, sendo que o Estado não é o único a manifestar poder. Diversos atores exercem funções que produzem território, desde o camelô que luta pelo seu espaço nas ruas movimentadas das grandes cidades até o grande especulador que luta para lucrar mais, sacrificando países mais fragilizados. Para Seriam:

A internet é uma rede aberta, mas não é uma cooperativa. Os sistemas de transmissão (cabos e satélites), os de acesso (servidores) e os de navegação na web têm dono. A convergência crescente das tecnologias impulsiona a de seus possuidores. Até o momento, tem sido os fabricantes de programas os que tiveram a iniciativa. (CEBRIÀN, 1999: 71)

Os novos meios de comunicação, como é o caso da internet e os celulares, alteram as relações do homem com seu meio e na própria forma da sociedade produzir e reproduzir suas relações. É o meio pelo qual a instantaneidade ganha força e se realiza enquanto ação global. A sua abrangência atinge a todos os países (mas não todas as

peças) de forma diferenciada, diferença essa determinada pelo papel que cumpre no cenário da globalização. Para André Lemos “a vida social deve ser entendida como mobilidade e fluidez e não como arquitetura fechada (poder, classe, instituições). A dinâmica da sociedade se estabelece mais por movimentos de fuga do que por uma essência imutável das coisas” (LEMOS, 2010:74), isto é, a mobilidade faz parte da nossa construção enquanto indivíduo e sociedade. Sobre isso, Saquet ressalta que esse território (essa mobilidade) é condição e resultado do movimento dessa sociedade, de forma que tais movimentos se concretizam, mas não estão eternizados com e no território.

Todos vivemos territorialidades múltiplas, identificados ou em trânsito. A negação do território ou da territorialização (o movimento) não está separada do território e contém territorialidades, relações de poder, redes em si mesmas. A unidade permanece. O movimento é resultado e condicionante de determinações territoriais, (i) materiais; de contradições sociais; das forças econômicas, políticas e culturais que condicionam a vida. A matéria e a ideia, em unidade, estão em movimento constante, no qual, há superações e interações territoriais. As relações e conflitos impulsionam o movimento, a superação, que é fugaz, fluída, efêmera, está na des-continuidade, no novo e no velho e esses estão naquela, na superação. (SAQUET, 2007:161)

Assim, pensamos também que esse movimento rompe a unidade existente e cria novas. É o movimento da construção e reconstrução mediado por tensões e conflitos que negam o território existente e criam outro. A unidade permanece até que as novas tensões se reorganizem e tenham lugar uma nova reterritorialização.

Por isso, os territórios definidos pela internet constituem transgressões, de forma que os Estados-nacionais que procuram controlar tais ações, também procuram se impor ao mundo, na direção de uma maior inserção global. Aqui, lembraremos do papel dos *crackers*⁷, esse quebram os códigos de sistemas avançados e ditos seguros com intuito de questionar o que está estabelecido. Muitos acreditam que alguns casos ocorrem por

⁷ Segundo Manuel Castells (2001:62) são os aficionados por informática que utilizam seu grande conhecimento na área para quebrar códigos de segurança, senhas de acesso a redes, códigos de programas e demais ações com fins criminosos. Isso os diferencia dos *hackers*, que buscam o desenvolvimento de novas tecnologias tendo como objetivo de ter a liberdade de utilizar a rede e os programas criados sem maiores restrições.

brincadeiras, mas de fato quando bancos, centrais de inteligências ou o próprio Estado é atacado, a hipótese cai por terra. É uma ação política. Por isso, os Estados tratam como ciberterrorismo⁸. Abordando sobre o tema, Cebrián elucida essa ação política:

A existência de redes abertas tem facilitado seu uso por todo tipo de cidadãos e instituições. Não apenas pelos que representam setores determinados da sociedade estabelecida, mas pelos marginais, pelos defensores de um pensamento alternativo e, também, por grupos de delinquentes, bandos de terroristas, máfias organizadas e toda classe de manifestações do que normalmente se conhece por movimentos anti-sociais. Os governos se veem impotentes para combater sozinhos esse fenômeno. O que os impede é o desaparecimento das fronteiras na rede e sua flexibilidade de funcionamento. (CEBRIÁN, 1999: 82)

O intuito de adotar tal nomenclatura é a justificativa de ações de maior opressão sobre essa face da cibercultura, pois de fato é um ato que busca evitar os questionamentos e manter a soberania das ações sobre o território financeiro e político.

Assim, por ser esse movimento, a internet tende a acelerar tais dinâmicas, acelerando assim as transformações territoriais, embora mudanças contrárias também possam ocorrer. Além disso, também aceleram as tensões e dinamizam seus efeitos tornando-os transterritoriais. Explicitando tais movimentos Scherer-Warren (1996:10) ressalta que:

A análise em termos de redes de movimentos implica buscar as formas de articulação entre o local e o global, entre o particular e o universal, entre o uno e o diverso, nas interconexões das identidades dos atores com o pluralismo. Enfim trata-se de buscar os significados dos movimentos sociais num mundo que se apresenta cada vez mais como interdependente, intercomunicativo, no qual

⁸ **Ciberterrorismo** é a expressão usada para descrever os ataques terroristas executados pela Internet, com o objetivo de causar os danos a sistemas ou equipamentos. Qualquer crime informático que ataque redes de computador pode ser classificado como ciberterrorismo, em que geralmente as ferramentas utilizadas são os vírus de computador. A facilidade com que os ataques são realizados e os danos que podem causar preocupam países pelo mundo todo. (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Ciberterrorismo> acessado em 06/05/2012)

surge um número cada vez maior de movimentos de caráter transnacional, como os de direitos humanos, pela paz, ecologistas, feministas, étnicos e outros. (SCHERER-WARREN, 1996:10)

A internet redireciona esse movimento, alterando as diversas formas e dimensões das relações sociais, modificando assim as diversas formas de produção e reprodução da existência da sociedade. O que se questiona é o discurso hegemônico de uma sociedade global. O que vemos de fato é também um momento diferenciado de uma razão contra-hegemônica, em que a sociedade, mediada pelas suas redes sociais, passa a se reapropriar da produção social do conhecimento e do saber vivo, conhecimento esse ao qual é auferido um valor, e que é distribuído de forma desigual.

Isso, para Caclini, é explícito nas desigualdades de acesso que são levantadas principalmente nos países em desenvolvimento.

A disparidade entre os informatizados, os entretidos e os outros aumenta em países nos quais a dívida externa reduz o crescimento econômico, e a corrupção ou a informalidade dificultam o exercício de direitos de trabalhadores e consumidores.

(...)

A exclusão e a segmentação desigual são as duas principais consequências da reestruturação. (CANCLINI, 2006:212)

As territorialidades se redefinem também pelas diferenças de acesso e mobilidade mediadas pela internet: são diferentes dimensões e ritmos de consumo. Nisso, os territórios, consumidos, produzidos e reproduzidos tendem a ter múltiplas funções, sentidos e sensações.

Por isso, o termo reterritorialização se reforça. Dentro dessa multiplicidade, a territorialidade é para um e não é para outro e vice-versa, não há desenraizamento, ausência de território, pois quando pensamos em múltiplas realidades e formas de

reprodução da vida, as mesmas são sempre territorializadas. Próximo a essa ideia, Lemos diz que “a civilização do virtual impõe, assim, a desordem, o inesperado, o ordinário” (LEMOS, 2010:166). Mas isso, em momento algum desenraiza alguém ou alguma coisa, pois o seu processo se dá de forma territorializada. Suas dimensões são outras e redefinem territorialidades. Assim Lemos conclui que:

Os cyborgs só podem existir num mundo traduzido em informações, tempo real e ciberespaço. O cyborg é capital para a cibercultura. Ele simboliza todo o processo simbiótico da cultura contemporânea com o advento das tecnologias do virtual. Esse processo é a cyborgização da cultura, a era da máquina vital. (LEMOS, 2010: 166)

Assim, a internet redefine os territórios, redefine suas territorialidades à medida que a sociedade nesse processo simbiótico entre sociedade e técnica, altera a relação de tempo e espaço, homem e máquina, natureza e máquina e sociedade e a realidade virtual. Podemos dizer que o sentido e as sensações no mundo virtual não completam nem tem pretensões de completar algo para a sociedade, mas ela é o resultado das inquietudes da sociedade contemporânea. As experiências mudam. Experiência de corpo, mente e de interação, assim como a relação dessa sociedade com aquilo que busca para reproduzir sua existência.

3.2 - O Alcance das “Cidades Globais” e o “Espaço-Tempo” Revolvido pela Internet.

As cidades globais são as concretizações do processo homogeneizante da globalização, mediado pelas técnicas integralizadoras que tem por objetivo viabilizar a utilização dos mesmos sistemas regulatórios, financeiros e políticos no intuito de facilitar a criação de novas formas de multiplicação do capital. Para Mônica Carvalho, “as características comuns observadas nas metrópoles que sofreram o impacto da globalização da economia” (CARVALHO, 2000:72) e que as tornaram pontos nodais idealizam aquilo que muitos conceitualizam como cidade global.

A qualificação das cidades globais vem acompanhada pelo discurso contemporâneo da virtualidade. As cidades (as capitais econômicas mundiais e as grandes megalópoles) tornaram-se o nó desse grande emaranhado mundial: rede de trocas de informações, capitais e mercadorias.

Lembramos aqui que a cidade é um fenômeno concreto, resultado das relações da sociedade com seu lugar, com seu modo de reprodução da vida. Assim, o que se virtualiza são várias de suas atividades, principalmente ligadas aos setores de serviços. A internet potencializou e acelerou a dinâmica de interação e trocas entre as cidades. Sobre isso, Castells elenca três fases desse momento pós-industrialismo dessas cidades:

- 1) A produtividade e o crescimento nascem da criação de saber, estendida a todas as áreas da atividade econômica pelo tratamento da informação.

- 2) A atividade econômica se desloca da produção de bens para a produção de serviços. A morte do emprego agrícola é seguida do declínio irreversível dos empregos industriais, em favor dos serviços que acabam assegurando a maior parte dos empregos.

- 3) A nova economia aumenta a importância das profissões de forte conteúdo de informação e de saber. As profissões de gestão, liberais e

tecnológicas se multiplicam mais rapidamente que as outras, constituindo o núcleo da nova estrutura social (CASTELLS, 1998:242).

É inegável que o setor de serviços toma conta da cidade, mas entendemos que isso não ocorre de forma a extinguir outros setores da economia (indústria principalmente). Há um novo rearranjo que atinge todos os setores da economia.

A expansão dos serviços 24 horas pelo mundo na década de 1990 mostrava que uma cidade global não poderia “dormir”. Logicamente que com o advento da internet (e de aparelhos como os celulares) isso foi aumentado em muitas vezes. Por isso para Lemos:

As cibercidades podem e devem potencializar as virtudes da cidade real e ampliar as formas de comunicações entre os cidadãos, já que são espaços de fluxo dentro da nova ordem tecnológica. (LEMOS, 2001:17)

A internet não só acirrou o comércio como a concorrência entre as prestadoras de serviços e empresas. Isso transformou as chamadas cidades globais em uma olimpíada das vendas e do lucro. O sujeito, assim, está diante de uma nova dinâmica de consumo, diante de novos produtos da globalização: o crédito e as infinitas atualizações tecnológicas. Assim, o território é reconfigurado em sua abrangência e pelo poder que se estabelece. Segundo Maria Adélia, esse poder é que dá condições à onipresença de certas cidades sobre outras, em cidades como São Paulo.

São Paulo é pelas suas características uma Cidade onipresente em todo o território nacional e é o lugar onde são mais fortes e significativas as relações internacionais, sobretudo as de comando. Por isso ela, ainda que menos forte com relação ao emprego industrial, mantém sua força, aumentando-a inclusive no Brasil e no mundo, graças às atividades de serviço que abriga, criando um expressivo setor terciário de comando, baseado na informação, qual seja na possibilidade de concepção, direção, coordenação e controle de grandes sistemas técnicos, operacionais e gerenciais. (SOUZA in CARLOS e OLIVEIRA, 2004:24).

A abrangência que essas cidades tem redefine sua influência territorial e o próprio território em si. As cidades globais, com essa roupagem contemporânea, passam a planejar suas ações no nível global. O que cria, através desse momento atual da economia, um processo de busca de homogeneização das ações políticas, arquitetônicas, das prestações de serviços, etc. Assim, Sassen aponta que:

A prestação de serviços engloba questões financeiras, legais e de gerenciamento geral; inovação; desenvolvimento; projetos arquitetônicos; administração; pessoal; tecnologia da produção; manutenção; transporte; comunicações; distribuição das vendas por atacado; publicidade; serviços de limpeza para as empresas; segurança e armazenamento. Os principais componentes da categoria da prestação de serviços são uma cadeia de indústrias que atende ao mesmo tempo um mercado consumidor e empresarial: seguros, atividades bancárias, serviços financeiros, atividades imobiliárias, serviços legais, contabilidade e associações profissionais (SASSEN, 1998: 78).

A rede tende a potencializar tais prestações de serviços. Não à toa, hoje, cidades como São Paulo, mudam suas características de cidades predominantemente industriais, em função de um crescimento na concentração de prestações de serviços e de gerenciamento das ações política e econômica do país. A internet passa a ser assim o grande meio de abrangência de poder em nível nacional e internacional dessas cidades. Muitos discursos acalorados sobre o processo da internet acerca das culturas e os processos de gerenciamento mundial ainda (é que bom que ainda) permeiam as diversas ciências sociais, tendo como objeto a própria urbe e o sujeito permeados pelas novas tecnologias conectivas. As cidades se tornam cidades do espetáculo da técnica, conectividade e da mobilidade. Nestor Canclini, ao explicitar a desconstrução do sujeito nessa contemporaneidade, alerta-nos que “chegamos ao universo de simulacros de Jean Baudrillard, no qual não tem sentido a diferença entre cópia e modelo, entre espetáculo e realidade”. (CANCLINI, 2009:203)

O espaço-tempo dos lugares ou dos “espaços particulares” (HARVEY 1996:212) diferem na forma pela qual são consumidos. Assim, as fronteiras e outros

lugares, e a produção da vida nesses, são formas diferenciadas de territórios. Essas novas territorialidades se dinamizam pelo movimento de sua própria experiência, enquanto unidade de espaço-tempo. Notamos isso na criação de áreas mais ou menos conectadas que outras. Segundo Manuel Castells:

O espaço da camada superior é geralmente conectado à comunicação global e a uma ampla rede de intercâmbio, aberta a mensagens e experiências que abrangem o mundo inteiro. Na outra extremidade do espectro, redes locais segmentadas, frequentemente de base étnica, apoiam-se em sua identidade como o mais valioso recurso para defender seus interesses e, em última instância, o seu ser. (CASTELLS, 2001:54)

Não há como pensarmos em ações que estejam sempre limitadas a fronteiras postas. A internet permite o transpassar dessas, recriando novas territorialidades e, assim, por exemplo, novos mercados consumidores, novas possibilidades de trocas culturais e de informação. O que para Lemos é um resultado das características da própria constituição da internet e da formação das cibercidades.

A nova forma do urbano caracteriza-se, assim, por ser globalmente conectada e localmente esfacelada. As cibercidades entram justamente na tentativa de diminuir esta discrepância. (LEMOS, 2001:21)

Logicamente, as cibercidades também são o resultado dessa discrepância e, por assim ser, a tentativa de diminuí-la é uma necessidade de acumulação e multiplicação do capital, própria da globalização. Nestor Canclini aponta que:

A disparidade entre os informatizados, os entretidos e os outros aumenta em países nos quais a dívida externa reduz o crescimento econômico, e a corrupção ou a informalidade dificultam o exercício de direitos de trabalhadores e consumidores. (CANCLINI, 200:212)

Daí a necessidade de reduzir tais discrepâncias, o que para muitos tende a aumentar nesse processo. Por isso Nestor Canclini também afirma que a “lógica que rege a apropriação dos bens como objetos de distinção não é a da satisfação de necessidades, mas sim a da escassez desses bens e da impossibilidade de que outros os possuam” (CANCLINI, 2006:63)”.

A experiência do espaço-tempo para o consumo, da interconectividade, das trocas, dos lugares diferem-se por tais discrepâncias e pela própria forma da reconstrução do sujeito mediado por tais relações. David Harvey aponta que:

As ordenações simbólicas do espaço e do tempo fornecem uma estrutura para a experiência mediante a qual aprendemos quem ou o que somos na sociedade. “a razão pela qual a submissão aos ritmos coletivos é exigida com tanto rigor”, escreve Bourdieu (1997:163), “é o fato de as formas temporais ou estruturas espaciais estruturarem não somente a representação do mundo do grupo, mas o próprio grupo, que organiza a si mesmo de acordo com essa representação.” A noção do senso comum de que “há um tempo e um lugar para tudo” é absorvida num conjunto de prescrições que replicam a ordem social ao atribuir sentidos sociais aos espaços e tempos. (HARVEY, 2006: 198).

Assim, as cidades globais são o resultado dessas experiências. Elas são o resultado de uma ação globalizante geradora de tensões. Essas cidades são globais para alguns, por que somente alguns estão inseridos, por isso a globalização é “concreta” para alguns e ocorre como “fábula” (SANTOS, 2000:18) e de forma “imaginada” (CANCLINI, 2003:30) para outros.

A evolução das técnicas altera a relação da sociedade com seu “Espaço-Tempo”. Quando Harvey em sua obra “Condição pós-moderna”, traz essa discussão, ela aponta que essa relação é alterada constantemente a medida que o movimento da sociedade impõe um novo ritmo de alterações territoriais. Assim, as cidades globais, sendo resultado de tais movimentos, ela é a “concretização das busca dos processos de

intercâmbios fluidos e homogeneização, nações que abrem suas fronteiras e povos que se comunicam”. (CANCLINI, 2003:31)

Nisso, dizemos que essa sociedade, que produz essa cidade, demanda de movimento. O movimento de pessoas, bens e capitais. O movimento multiplica suas ações, multiplica os meios de acumular.

Podemos dizer hoje que as bolsas de valores funcionam interligadas de forma ininterrupta, isso mediado por diversas redes de informação como a internet e as redes financeiras. Não há ações ou acontecimento que escape a essa malha conectiva. Nisso Harvey aponta que:

Se os capitalistas se tornam cada vez mais sensíveis às qualidades espacialmente diferenciadas de que se compõe a geografia do mundo, é possível que as pessoas e forças que dominam esses espaços os alterem de um modo que os torne mais atraentes para o capital altamente móvel. (HARVEY 1996: 266)

A organização do trabalho e sua exploração também sofrem com essa dilatação, visto que os aparelhos conectivos (celulares, smartphones, Tablet's, etc), permitem que a exploração ocorra distante dos limites das empresas, numa relação de trabalho *full time*. E as cidades globais, são os centros nevrálgicos desse processo, por serem também aquelas que buscam uma mobilidade a mais que outras.

Abordando o tema Harvey aponta que

Dadas as pressões de aceleração do tempo de giro (e de superação das barreiras espaciais), a mercadificação de imagens do tipo mais efêmero seria uma dádiva divina do ponto de vista da acumulação do capital, em particular quando outras vias de alívio da superacumulação parecem bloqueadas. A efemeridade e a comunicabilidade instatância no espaço tornam-se virtudes a ser exploradas e apropriadas pelos capitalistas para os seus próprios fins. (HARVEY, 1996:262)

Nisso, a pressão por uma constante evolução tecnológica e melhorias nas estruturas de circulação torna-se uma dinâmica corriqueira na relação entre as grandes corporações e o Estado.

Hoje, as cidades globais também são uma reificação, um fetiche da globalização. As cidades globais são vendidas como discurso, como imagem. São o meio pelo qual se busca justificar e se criar a necessidade da aceleração do consumo dessas cidades. O que para Harvey leva “a competição no mercado da construção de imagens a um aspecto vital da concorrência entre as empresas” (HARVEY, 2006: 262) e entre as cidades. Nisso, a internet tornou-se uma das principais ferramentas para tal fim.

3.3 - A Compressão e a Dilatação do “Espaço-Tempo”.

A experiência do espaço e tempo altera a relação da sociedade com seu território, produzindo territorialidades na mesma diversidade das experiências individuais e coletivas. O lugar é o que responde por isso. Nele materializa-se e transforma-se essa experiência. Como a velocidade das mudanças será diferente, dada a característica de cada lugar, teremos um universo de experiências heterogêneas. Assim, a internet é a materialização dessas experiências e meio de novas experiências de espaço e tempo.

Os conflitos (experiências), resultados das produções das desigualdades, alteram a qualidade do espaço-tempo, isto é, a sua multiplicidade é o próprio território em construção e em destruição. Isso ocorre de maneira diversificada e móvel (desterritorialização e reterritorialização).

Não importam as distâncias, e sim o tempo das experiências e sua concretização, a reprodução da vida, das relações sociais. O território é o espaço-tempo, é a experiência do próprio lugar. Sobre isso Harvey afirma que:

Essas considerações há muito foram incorporadas como determinantes vitais da dinâmica da luta de classes. Creio podermos invocar aqui uma regra simples: quem domina o espaço sempre pode controlar a política de lugar, mesmo que, e isso é um corolário crucial, primeiro assuma o controle de algum lugar para controlar o espaço. (HARVEY, 2006:213)

Mesmo não utilizando o conceito de território, Harvey aponta o lugar como ponto crucial na relação de poder, isto é, para nós, o território é resultado dos conflitos de classe, da experiência diversificada do espaço-tempo. O que para Harvey “é um desafio, um estímulo, uma tensão e, às vezes, uma profunda perturbação, capaz de provocar, por isso mesmo, uma diversidade de reações sociais, culturais e políticas. Deve-se

compreender ‘compressão’ como um termo que se aplica a todo estado de coisas precedente”. (HARVEY, 2006:219)

Não devemos pensar essas produções como formas regulares ou homogêneas. As características dos conflitos, dos tensionamentos, são o resultado das próprias desigualdades geradas no cerne das relações constituintes do território. O aumento da flexibilidade e mobilidade dessas relações, nas redes, é a expressão da busca por um aumento das trocas da experiência de espaço-tempo, com o intuito de buscar homogeneizações dos momentos.

O momento é percebido e produzido no lugar, as ações do lugar. A busca de homogeneizar essas ações é dificultada pela desigualdade das forças de poderes, das forças dos contra-poderes. A construção e reconstrução territorial são constantes devido a tal processo. “Se as experiências espaciais e temporais são veículos primários da codificação e reprodução de relações sociais (como sugere Bourdieu), uma mudança no modo de representação daquelas quase certamente gera algum tipo de modificação nestas” (HARVEY, 2006:225), isto é, do próprio território, do próprio lugar. Segundo Quéau, esse processo é próprio do desenvolvimento dos “mundos virtuais”:

Podemos até falar de uma hibridação entre corpo e imagem, isto é, entre sensação física real e representação virtual. A imagem virtual transforma-se num “lugar” explorável, mas este lugar não é um puro “espaço”, uma condição *a priori* da experiência do mundo, como em Kant. Ele não é um simples substrato dentro do qual a experiência viria inscrever-se. Constitui-se no próprio objeto da experiência, no seu tecido mesmo e a define exatamente. Este lugar é, ele mesmo, uma “imagem” e uma espécie de sintoma do modelo simbólico que encontra à fonte da sua inteligibilidade, isto é, ao modelo. É a experiência interativa e progressiva do espaço que o constitui epigeneticamente como “espaço”. (QUÉAU in PARENTE, 2008,94)

Sendo inscritas territorialmente, essas experiências configuram a percepção e a produção das relações sobre os lugares. Assim, a internet busca a sincronia e a homogeneização dos momentos socialmente construídos (experiência de tempo) e das

relações sociais nos lugares (experiência de espaço), o que é hoje impossível. Assim, pensar a compressão ou dilatação do espaço-tempo é reconhecer o próprio território num processo de constante transformação.

O fato de participarmos de práticas mais mundializadas, já é uma alteração das experiências de espaço-tempo. Milton Santos alerta que os discursos também se mundializam no intuito de se tornar uma verdade incontestável, ainda que desigual. Segundo ele:

A história é comandada pelos grandes atores desse tempo real, que são, ao mesmo tempo, os donos da velocidade e os autores do discurso ideológico. Os homens não são igualmente atores desse tempo real. Fisicamente, isto é, potencialmente, ele existe para todos. Mas efetivamente, isto é, socialmente, ele é excludente e assegura exclusividades, ou, pelo menos, privilégios de uso. (SANTOS, 2000:29)

O território, materialização dessas desigualdades, é a expressão dessas características, expressão da própria experiência de espaço-tempo.

Considerações Finais

A concretude da territorialidade da internet “é o conjunto de processo e tecnologias caracterizadas pela emissão de informação digital a partir de lugares/objetos”. (LEMOS, 2009:39). E essas hoje demandam mobilidade, novas áreas de conexões.

A mobilidade muda nossa relação com o território. Ela é o próprio movimento do território. Se historicamente “o lugar era o que definia o homem ao local onde se processa a vida” (CARLOS, 2007:21) com a ampliação das relações sociais através do mundo virtual, esse processamento da vida se dá de forma mais intensa nas redes sociais da Internet. Esse movimento, essa mudança de relação, está atrelado a vários fatores: imposição do modo de produção, a absorção das novas técnicas pela sociedade e a criação de uma sociedade de consumo voraz. O lugar é condição para a virtualidade e também movimento da virtualidade, seja na forma de consumi-la ou de recriá-la; nisso temos a criação de uma rede de lugares, articulada mediante interesses e intenções.

Essas novas relações sociais exigem novas técnicas que atendam às demandas por um maior poder de circulação de bens e capitais, isto é, de movimento. Essa nova forma de se relacionar mediada por novas técnicas, abre outra possibilidade de práticas territoriais. Essa possibilidade de comunicar-se além de seu lugar e de suas fronteiras altera as configurações dos diversos territórios pelo mundo, este conectado também via redes de computadores. Na busca de ampliar sua comunicação para além do aqui, com técnicas e tecnologias desenvolvidas para esse fim, o homem potencializa sua ação, tensionando fronteiras.

Por isso, podemos afirmar que essa é uma das principais técnicas hoje legitimadoras da multiplicação do capital. Isso nos levou a discutir a teoria de David Harvey da “compressão espaço-tempo” e, também, o processo de dilatação desse mesmo espaço-tempo como resultado e meio para tal multiplicação.

Nisso a discussão territorial das informações emerge com força num ambiente caracterizado pela aceleração dos fluxos de informações, mercadorias, ideias, energia e de

pessoas. As redes, como função ordenadora desses fluxos, constituem a territorialidade da lógica da dominação de tais informações e dos capitais.

A rede passa a ser o meio pelo qual se impõem uma ordem (relação de poder) sobre os fluxos. Sendo o território resultado das ordenações, os fluxos tendem a manifestar-se de diversos modos, associados à necessidade de fluidez entre as diferentes localizações. Por isso as redes tem um papel fundamental na organização territorial. Por sua ação conectiva dos nós, permitem que a ação e o discurso da globalização em todos os níveis atinjam novos territórios, modificando-os e, por isso, introduzindo novos elementos.

A evolução das técnicas altera a relação da sociedade com seu “Espaço-Tempo”. Quando Harvey, em sua obra “Condição Pós-Moderna”, traz essa discussão, ele aponta que essa relação é alterada constantemente, na medida em que o movimento da sociedade impõe um novo ritmo de alterações territoriais.

O espaço-tempo, assim, está concretizado nas relações de poder, tensionamentos, na reprodução da vida. A velocidade desses é diferente e desigual. Assim, o espaço-tempo é produzido e consumido mediante esse processo. O que para uma determinada sociedade é visto como compressão do espaço-tempo, para outra pode ser esse de forma dilatada.

A experiência do espaço e tempo altera a relação da sociedade com seu território, produzindo territorialidades na mesma diversidade das experiências individuais e coletivas. O lugar é o que responde por isso. Nele materializa-se e transforma-se essa experiência. Como a velocidade das mudanças será diferente, dada a característica de cada lugar, teremos um universo de possibilidades, de experiências. Assim, a internet é a materialização dessa experiência e meio de novas experiências de espaço e tempo.

A internet redefine os territórios, redefine suas territorialidades na medida em que há um processo simbiótico entre sociedade e técnica, alterando a relação de tempo e espaço, homem e máquina, natureza e máquina e sociedade e a realidade virtual. Podemos dizer que a direção que assume o mundo virtual, bem como as sensações sobre o mesmo, é o resultado das inquietudes da sociedade contemporânea. As experiências mudam, os

territórios mudam, as tensões se alteram na medida em que as relações de poderes e contra-poderes rearranjam suas experiências, se territorializam.

Bibliografia

AMARAL, MARCELO. Internet, Estado e Sociedade: liberdade e controle da informação na rede, 2006. Disponível em: tecitura.juvenioterra.edu.br/seer/index.php/tecitura/article/.../102.

ARRIGHI, Giovanni. O longo século XX. São Paulo, Contraponto-Unesp, 1996

ATLAS BRASILEIRO DE TELECOMUNICAÇÕES. Converge Comunicações, 2008.

BAUDRILLARD, Jean. Simulacros e Simulação. Lisboa: Relógio d'água, 1991.

BAUMAN, Z. Globalização: as consequências humanas, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

_____. Tempos Líquidos, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico, Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1989.

CADERNOS ADENAUER VIII (2007) – A mídia entre regulamentação e concentração. Rio de Janeiro: Fundação Konrad Adenauer, 2008.

CANCLINI, Néstor G. A Globalização Imaginada. São Paulo: Iluminuras, 2003.

_____. Diferentes, desiguais e desconectados. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009

_____. Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. O lugar no/do mundo. São Paulo: FFLCH, 2007, 85p.

CASTELLS; Manuel. A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura. A Sociedade em Rede. Volume 1, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

_____. A Galáxia da Internet. Ed. Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 2003.

_____. O Poder da Identidade. Vol 2, Editora Paz e Terra, São Paulo, 1999.

CARVALHO, Mônica. Cidade global: Anotações críticas sobre um conceito. In: São Paulo em Perspectiva – Revista da Fundação Seade, vol. 14, n. 4, out.-dez./2000. São Paulo.

CEBRIÁN, Juan Luis. A Rede: como nossas vidas serão transformadas pelos novos meios de comunicação. São Paulo: Summus, 1999.

CORRÊA, Roberto Lobado. A rede urbana. São Paulo: Ática: 1996.

_____. Trajetórias geográficas, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

DIAS, Leila Chistina. Rede Eletrônica e Novas Dinâmicas do Território Brasileiro. In: CASTRO, Iná Elias et AL. Geografia: conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand, 1995.

DIAS, Leila Chistina. Redes: emergência e organização. In: CASTRO, Iná Elias et AL. Geografia: conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand, 1995.

DIAS, Leila e SILVEIRA, Rogério Lima da (org). Redes, sociedades e territórios. Editora da Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Catarina, 2005.

EVASO, Alexander Sergio. O Espaço Vertiginoso. Monografia de Mestrado, São Paulo: FFLCH, 2006.

FOCAULT, Michael. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Edições Graal: 2009.

GIDDENS, Anthony. Mundo em descontrol. Rio de Janeiro: Record, 2007.

_____. Conversas com Anthony Giddens: o sentido da modernidade. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

_____. A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

_____. O mundo na era da Globalização. São Paulo: Editorial Presença: 2006.

HAESBAERT, Rogério. Desterritorialização: entre as redes e os aglomerados de exclusão. In: Castro, I.(org) Geografia: Conceitos e Temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

_____. Globalização e fragmentação no mundo contemporâneo. In: HAESBAERT, R. (org.) Globalização e fragmentação no Mundo Contemporâneo. Niterói, EdUFF, 2002.

_____. O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 2004.

HARVEY, David. A condição pós-moderna. São Paulo: Loyola, 1996.

_____. O novo imperialismo. São Paulo: Loyola, 2004.

HOBBSBAWN, Eric J. A Era do Capital (1848-1875). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

IANNI, Octavio. A sociedade global. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

INDICADORES 2007: Pesquisa sobre o uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação no Brasil: TIC Domicílios e TIC empresas 2007. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2008.

INDICADORES 2006: Pesquisa sobre o uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação no Brasil: TIC Domicílios e TIC empresas 2006. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2007.

JAMESON, Fredric. Pós-Modernismo, a Lógica do Capitalismo Tardio, São Paulo: Ática, 1996.

JOHNSON, Steven. A Cultura da Interface. Ed Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 2001.

KURZ, Robert. O Colapso da Modernização. Da Derrocada do Socialismo de Caserna à Crise da Economia Mundial. São Paulo, Paz e Terra, 1993.

LEMOS, André(org). As janelas do ciberespaço. Porto Alegre, Editora Sulina, 2001.

LÉVY, Pierre. A coenxão Planetária: O mercado, o ciberespaço, a consciência. SP: Ed 34, 2001.

_____. Cibercultura. Editora 34, 2ª. Edição, São Paulo, 2000.

_____. O que é Virtual? Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.

- LOJKINE, Jean. A Revolução Informacional: um tema de todos. Rio de Janeiro: RITS, 2004
- MATTELART, Armand. História da sociedade da informação. São Paulo: Loyola, 2002.
- _____. Comunicação-Mundo, história das ideias e das estratégias. Editora Vozes, 1994.
- MARX, Karl. O Capital: crítica da economia política. (Tradução: Reginaldo Sant'Anna). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, livros I, II e III, 2008.
- MARX, Karl, ENGELS, Friedrich. A Ideologia Alemã. São Paulo: Centauro Editora, 2002.
- MÉSZÁROS, István. Para Além do Capital: rumo a uma teoria da transição. São Paulo: Editora da UNICAMP/Boitempo Editorial, 2002.
- MOREIRA, Ruy. “Da região à Rede e ao Lugar”, in Revista Ciência Geográfica nº6, 1997, PP. 1-10.
- _____. Pensar e ser em Geografia. São Paulo: Contexto, 2007.
- NEGRI, A. e HARDT, M. Império, Rio de Janeiro: Record, 2001.
- PIRES, Hindenburgo F – A produção morfológica do ciberespaço e a apropriação dos fluxos informacionais no Brasil, 2005. Disponível em: <HTTP://www.ub.es/geocrit/sn/sn-170-59.htm>.
- _____. A geografia da Internet e do ciberespaço na América Latina. Disponível em <HTTP://www.cibergeo.org/artigos/geografiadainternet.pdf>
- _____. Internet, software livre e exclusão digital. Rio de Janeiro. IN: Geouerj – Revista do Departamento de Geografia, nº 12, 2002.
- PRIMO, Alex e COELHO, Luciano R. Comunicação e Inteligência Artificial: Interagindo com a robô de conversação Cybelle, 2006. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/limc>.
- QUÉAU, Philippe. O tempo virtual. in PARENTE, André (ORG). Imagem Máquina. Rio de Janeiro: Editora 34, 2008.

RAFFESTIN, Claude. Por uma Geografia do Poder. São Paulo: Ática, 1993.

ROCHEFORT, Michel. Redes e Sistemas, São Paulo: Hucitec, 1998.

SAQUET, Marcos Aurélio. Abordagens e concepções sobre território. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

SANTAELLA, Lúcia e ARANTES, Priscila (ORGS). Estéticas Tecnológicas: novos modos de sentir. São Paulo: Educ, 2011.

SANTOS, Douglas. A Reinvenção do Espaço: Diálogos em torno da construção do significado de uma categoria. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

SANTOS, Milton. A Natureza do Espaço, São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. Técnica, Espaço, Tempo: Globalização e meio técnico-científico-informacional. São Paulo, Hucitec, 1994.

SASSEN, S. As cidades na economia mundial, São Paulo: Nobel, 1998.

SOJA, E. W. Geografias Pós-Modernas. São Paulo: Jorge Zahar, 1993.

STANTON, Michael. A; Non-Comercial Networking in Brasil, Proc. INET, 1993

Sites Pesquisados

AVELLAREDUARTE

<http://www.avellareduarte.com.br>

COMITÊ GESTOR DA INTERNET – INDICADORES

<http://www.cetic.br>

ECOMMERCEORG

<http://www.e-commerce.org.br>

FASTCOM

<http://www.fastcom.com.br>

FORUM NACIONAL PELO DIREITO À COMUNICAÇÃO

<http://www.fndc.org.br>

IPLIGENCE

<http://www.ipligence.com>

PAYPAL/BLOG

<http://www.paypal-brasil.com.br>

OBSERVATÓRIO DO DIREITO À COMUNICAÇÃO

<http://www.direitoacomunicacao.org.br/novo>

ORDEÇO

<http://www.oderco.com.br>

REVISTA TELETIME

<http://www.teletime.com.br>

REVISTA ONLINE GEOCRÍTICA

<http://www.ub.edu/geocrit>

RNP E REDES AVANÇADAS INTERNACIONAIS

<http://www.rnp.br/redes>